

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC MARIE CHRISTELLE KOUMOU AKONO

DIPLOMACIA NAVAL DE CAMARÕES (2011-2022):
uma análise à luz dos conceitos teóricos de Coutau-Bégarie e Lucien Poirier

Rio de Janeiro

2023

CC MARIE CHRISTELLE KOUMOU AKONO

DIPLOMACIA NAVAL DE CAMARÕES (2011-2022):
uma análise à luz dos conceitos teóricos de Coutau-Bégarie e Lucien Poirier

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: C-EMOS 2023

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2023

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

ASSINATURA PELO GOV.BR

(LOCAL DA CHANCELA)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível graças à contribuição de algumas pessoas. Gostaria de expressar minha profunda gratidão a eles.

Permitam-me, antes de tudo, expressar minha profunda gratidão ao Capitão de Fragata C-EMOS 2023, por aceitar a direção deste trabalho. Seu apoio e conselhos sábios foram inestimáveis e benéficos para mim.

Dirijo também os meus sinceros agradecimentos a todo o corpo docente do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores e aos funcionários da Escola de Guerra Naval do Brasil, cuja acolhida, disponibilidade e apoio multifacetado ao longo da formação contribuíram para a concretização deste trabalho.

Gostaria de expressar o meu agradecimento ao Contra-Almirante Jean MENDOUA, Comandante da Marinha de Camarões que contribui particularmente para a minha realização profissional.

Sou extremamente grato a toda a minha família por seu apoio inabalável ao meu lado. Um pensamento especial para meu marido, Sr. Roger NGAH, Administrador Parlamentar e doutorando em Ciência Política, que me forneceu assistência excepcional na condução deste trabalho.

Também expressei minha gratidão ao Doutor Paulin Martial TCHENZETTE, Ministro Conselheiro da Embaixada de Camarões no Brasil, pelo apoio incondicional na produção deste trabalho.

RESUMO

Este estudo analisa a diplomacia naval camaronesa a partir de um cruzamento entre a teoria da diplomacia naval permanente de Coutau-Bégarie e a estratégia integral de Lucien Poirier com o objetivo de verificar se a ação das forças navais camaronesas se inscreve numa abordagem que responde às características da diplomacia naval pós-moderna. O período observado para a realização da pesquisa vai de 2011, data a partir da qual a Marinha de Camarões experimentou intensa atividade no campo da cooperação militar naval, até 2022. O desenho de pesquisa empregado neste trabalho foi o da teoria comparada com a realidade, utilizando-se de pesquisa bibliográfica e documental. Seu quadro teórico destaca os principais componentes da diplomacia naval permanente e analisa o conceito de estratégia integral. Além disso, o estudo examina a contribuição da diplomacia naval camaronesa na emancipação estratégica do Golfo da Guiné. Conscientes das profundas raízes da sua pertença a esta região, Camarões orienta a sua política de poder não de forma dominante, mas como entidade de parceria com os restantes Marinhas da sub-região. Ao apresentar os resultados da atuação da Marinha de Camarões nas diferentes categorias da diplomacia naval permanente, verifica-se que esta é um importante vetor da política de poder e influência de Camarões de acordo com os princípios da sua política externa. No entanto, os resultados do confronto entre as ações da Marinha camaronesa e os conceitos teóricos, revelam os aspectos da diplomacia naval permanente e da estratégia integral que Camarões não emprega. A análise conclui, portanto, com uma adesão parcial da diplomacia naval camaronesa ao objeto de estudo.

Palavras-chave: Diplomacia naval permanente; Estratégia integral; Coutau-Bégarie; Lucien Poirier; Marinha de Camarões; Golfo da Guiné.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 – Os usos do mar segundo Ken Booth | 46 |
| FIGURA 2 – Os componentes da estratégia integral de Poirier | 47 |
| FIGURA 3 – Delimitação do Espaço Marítimo CEEAC do Golfo da Guiné incluindo zona D (em inglês)..... | 48 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------------------|--|
| AEM | - Ação do Estado no Mar |
| CEEAC | - Comunidade Económica dos Estados da África Central |
| CIC (em francês) | - Centro de Coordenação Inter-regional |
| CMC | - Centro Multinational da Coordenação |
| COM | - Centro de Operações Marítimas |
| CSNU | - Conselho de Segurança das Nações Unidas |
| DIMDEX (em inglês) | - Exposição e Conferência Internacional de Defesa Marítima de Doha |
| GoG (em inglês) | - Golfo da Guiné |
| IMO | - Organização Marítima Internacional |
| INN | - Pesca ilegal, não declarada e não regulamentada |
| ISS (em inglês) | - Simpósio Internacional <i>Seapower</i> |
| LAAD (em inglês) | - América Latina Aeroespacial e Defesa |
| ONU | - Organização das Nações Unidas |
| SOUTHCOM (em inglês) | - <i>United States Southern Command</i> |
| UE | - União Europeia |
| ZEE | - Zona Económica Exclusiva |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | DIPLOMACIA NAVAL PERMANENTE E ESTRATÉGIA INTEGRAL | 13 |
| 2.1 | Diplomacia naval permanente..... | 13 |
| 2.1.1 | Diplomacia simbólica..... | 14 |
| 2.1.2 | Diplomacia de rotina | 16 |
| 2.1.3 | Diplomacia de defesa | 17 |
| 2.1.4 | Diplomacia econômica | 18 |
| 2.2 | Estratégia integral..... | 20 |
| 2.2.1 | Conceito de estratégia integral | 20 |
| 2.2.2 | Relacionamentos entre estratégias particulares..... | 22 |
| 2.3 | Considerações parciais | 23 |
| 3 | DIPLOMACIA NAVAL DE CAMARÕES | 24 |
| 3.1 | Uma diplomacia naval ao serviço da emancipação estratégica do GoG..... | 24 |
| 3.1.1 | Importância estratégica e econômica do GoG | 24 |
| 3.1.2 | Articulação da diplomacia naval de Camarões no GoG | 26 |
| 3.2 | Ações da Marinha de Camarões do campo da diplomacia naval..... | 28 |
| 3.2.1 | Ações de diplomacia de defesa | 28 |
| 3.2.2 | Ações da diplomacia de cooperação | 29 |
| 3.2.3 | Missões humanitárias e a luta contra o crime marítimo | 31 |
| 3.3 | Implantação da Marinha de Camarões após o Atlântico | 32 |
| 3.3.1 | Travessa transoceanica para o Brasil | 32 |
| 3.3.2 | O impacto simbólico da missão “ <i>Sea Lions 2022</i> ” | 34 |
| 3.4 | Considerações parciais | 35 |

| | | |
|----------|---|-----------|
| 4 | CONCORDÂNCIAS E DISPARIDADES DAS AÇÕES DA MARINHA DE CAMARÕES COM OS CONCEITOS TEÓRICOS DE COUTAU-BEGARIE E POIRIER..... | 36 |
| 4.1 | Comparação das ações na diplomacia simbólica e de rotina | 37 |
| 4.2 | Confronto das ações na diplomacia econômica e de defesa | 38 |
| 4.3 | As ações da Marinha de Camarões do ponto de vista da estratégia integral | 40 |
| 4.4 | Considerações parciais | 41 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 42 |
| | REFERÊNCIAS..... | 44 |
| | ANEXOS..... | 46 |

1 INTRODUÇÃO

A importância do mar para a humanidade não precisa mais ser demonstrada. O seu caráter vital decorre das suas três funções essenciais, nomeadamente: fonte de riqueza, meio de comunicação e meio de projeção de poderes. Camarões, país com quase 400 km de litoral localizado na costa oeste africana é considerado um Estado privilegiado, em vista de sua posição geográfica. A sua abertura ao mar torna-o, um parceiro estratégico no Golfo da Guiné (GoG)¹ e na África Central.

A nível econômico, a exploração petrolífera offshore, refletida pela presença de várias plataformas e numerosos petroleiros, bem como a abundância de recursos haliêuticos na Zona Econômica Exclusiva (ZEE) nacional constituem um viveiro econômico rentável para Camarões, garantia do seu desenvolvimento sustentável.

No entanto, há vários anos que se vive um clima de insegurança na área marítima do GoG que fragiliza o tecido socioeconômico dos Estados costeiros adjacentes. Estes atos de criminalidade marítima de natureza transfronteiriça dizem respeito à pirataria, assalto à mão armada, imigração ilegal, pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN), poluição, atividades de contrabando. Camarões, que tem uma saída estratégica para o mar, não é exceção a esse fenômeno.

Perante todas estas ameaças, a Marinha de Camarões optou por articular o seu mecanismo de resposta em torno de uma abordagem dualista e combinatória baseada na Ação do Estado no Mar (AEM) e na arquitetura de paz e segurança marítima do GoG . À ação interna proativa, soma-se à busca de soluções coletivas e sinérgicas com outros países da sub-região. O aumento da ameaça e, sobretudo, o seu caráter transnacional, obrigam Camarões a adotar uma postura estratégica de defesa centrada na diplomacia naval.

De acordo com o Decreto da República de Camarões nº 2001/177 de 25 de julho de 2001 sobre a organização do Minsitério da Defesa, a Marinha camaronesa é um componente das Forças de Defesa cujo emprego requer principalmente o uso de ambientes marinhos e

¹ O GoG está dividido em duas grandes organizações econômicas e geográficas regionais. O Camarões pertence à área marítima da Comunidade Econômica dos Estados da África Central (CEEAC), que se estende por mais de 3300 km, desde Angola, no Sul, até à fronteira entre o Camarões e a Nigéria, no Norte. Reúne nove Estados costeiros divididos em duas zonas geográficas A e D. O Camarões foi designado como o Estado líder da zona D.

marítimos². Neste contexto, a Marinha tem entre outras atribuições a representação, que geralmente se refere à diplomacia. Navios de guerra exercem essa função de representação diplomática quando hasteiam a bandeira nacional nos mares do globo e durante suas escalas em portos estrangeiros.

Para o Almirante Lozier³, a diplomacia naval refere-se à participação das forças aeronavais na diplomacia e na política de influência de um país (LOZIER, 2007). Não se trata apenas de um eufemismo para o uso da força naval para intimidar outros países, mas sim da implementação de uma ampla gama de ações por parte de elementos do poder naval a fim de obter resultados diplomáticos que atendam aos interesses nacionais de quem a emprega. Essa concepção de diplomacia naval aproxima-se da definição de Kennedy⁴. Segundo este autor, a diplomacia naval designa a utilização de navios de guerra em tempo de paz para obtenção de objetivos diplomáticos e políticos dos Estados (KENNEDY, 1984).

Dentre os autores que se interessam pela diplomacia naval, as teorias de Coutau-Bégarie⁵ (2010) e Poirier⁶ (1982) constituem as referências analíticas deste estudo. A primeira propõe uma tipologia de diplomacia naval baseada na presença sem a qual não há efeitos diplomáticos e estratégicos. Esta categoria gira em torno de um conjunto de missões permanentes como afirmação de posição, dissuasão existencial, visitas de cortesia, manobras conjuntas, participação em diálogo estratégico, negociações internacionais e apoio à indústria de defesa naval. A segunda defende o conceito de estratégia integral que engloba um conjunto de estratégias particulares que visam maximizar os benefícios e mitigar os riscos e ameaças associados à um projeto político como a exploração do mar.

A questão central levantada por este tema é saber se a diplomacia naval camaronesa está de acordo com os elementos teóricos, características de uma diplomacia naval pós-

² Fonte: REPÚBLICA DE CAMARÕES. Decreto nº 2001/177 de 25 de julho de 2001 sobre a organização do Ministério da Defesa de Camarões. Artigo 17, título V, p. 33.

³ O Almirante Jean-Louis Lozier é autor do livro, *Submarinos e diplomacia naval*, publicado em 2007. Nesta obra, o autor dá uma definição de diplomacia naval como sendo a expressão da política de influência e poder de um país em sua região ou em todo o mundo.

⁴ Paul Kennedy é um historiador britânico especializado em relações internacionais e geoestratégia. Ele publicou vários livros sobre a história da Marinha Real. Ele é o autor do livro, *Estratégia e Diplomacia*, publicado em 1984.

⁵ O professor Hervé Coutau-Bégarie (1956-2012) foi um dos raros especialistas franceses modernos a se interessar pela diplomacia naval. Em 2010, publicou, *O Melhor dos Embaixadores, Teoria e Prática da Diplomacia Naval*, livro que constitui um dos referenciais analíticos desta obra.

⁶ Lucien Poirier (1918-2013) foi um ex-General do exército francês. É autor do livro, *Ensaio Teórico de Estratégia*, publicado em 1982. Neste livro, ele enfatiza que os atores sociopolíticos combinam um conjunto de estratégias para realizar seu projeto político.

moderna que integra os conceitos de diplomacia naval permanente estabelecidos por Coutau-Bégarie e de estratégia integral desenvolvidos por Poirier. Além disso, qual é a realidade e a contribuição concreta da Marinha de Camarões no crescimento da influência da diplomacia camaronesa em seu ambiente estratégico imediato, o GoG e internacionalmente?

Este trabalho pretende apresentar uma visão geral sobre o tema da diplomacia naval camaronesa. O seu objetivo é contribuir para o reforço da ação da Marinha para uma diplomacia naval mais forte que permita fazer avançar o desenvolvimento nacional de interesses e objetivos e proporcionar uma compreensão abrangente das diversas possibilidades existentes nesta importante dimensão da política externa dos Estados. Para tal, este estudo é realizado a partir de 2011, período em que a Marinha experimentou um novo impulso em sua cooperação marítima internacional⁷.

A hipótese de pesquisa adotada no contexto deste estudo é que a diplomacia naval camaronesa adere apenas parcialmente aos conceitos teóricos de diplomacia naval permanente de Coutau-Bégarie e estratégia integral de Poirier.

A metodologia utilizada neste trabalho é a comparação entre teoria e realidade. Entrevistas com os Comandantes dos navios da Marinha camaronesa foram realizadas para obter informações precisas sobre um determinado número de operações navais. Este trabalho leva em consideração as missões e operações realizadas no território e fora do território nacional.

O trabalho foi estruturado em cinco capítulos, incluindo esta introdução. O capítulo dois analisará o referencial teórico da pesquisa. Primeiro, vamos nos deter na teoria da diplomacia naval permanente de Coutau-Bégarie e suas subdivisões. Em seguida, será apresentada o conceito de estratégia integral de Poirier, associada às diferentes estratégias que a compõem. O capítulo seguinte versará sobre a diplomacia naval camaronesa. Nesse contexto, demonstramos primeiramente o enraizamento da diplomacia naval camaronesa em seu ambiente estratégico, o GoG e examinamos a articulação desta diplomacia naval com as demais Marinhas da sub-região. Em seguida, apresentaremos um resumo das ações

⁷ A partir de 2011, a Marinha camaronesa conheceu a transferência de um novo Comandante da Marinha, bem como uma intensa atividade no campo da cooperação militar naval. Fonte: LACKMATA, Jean. *Visita de contato do Comandante da Marinha nas Formações*, publicado em "Pompons Rouges", revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2013, n. 001, p.7.

da Marinha camaronesa nas categorias relativas à diplomacia de defesa, cooperação, humanitária e missões de combate ao crime marítimo. Por fim, discutiremos o impacto simbólico da inédita travessia da Marinha camaronesa para o Brasil. No quarto capítulo, confrontaremos as ações da Marinha de camarões com os conceitos teóricos de coutaubegarie e poirier. O último capítulo apresentará as considerações finais do argumento desenvolvido.

2 DIPLOMACIA NAVAL PERMANENTE E ESTRATÉGIA INTEGRAL

Fazer diplomacia naval e por meio de forças navais é uma área de política externa e de múltiplas estratégias. Se a vocação primordial de qualquer Marinha é usar a força para preservar os interesses nacionais no mar, o seu diário e seu papel evoluíram para as chamadas missões de baixa intensidade. Qualquer que seja a cultura estratégica a que pertencem, todos os autores da era moderna e contemporânea⁸ concebem a diplomacia naval como uma forma de operação diferente da guerra. Nesse sentido, pode ser considerada como sendo conduzida de forma contínua, paralela ou não às operações de guerra. Esta é a base da visão de Coutau-Bégarie (2010), que destaca as funções diárias de uma Marinha, além de qualquer dimensão militar no sentido de confrontos armados.

A primeira seção deste capítulo será dedicada à análise da diplomacia naval permanente e suas subdivisões.

A segunda seção se concentrará sobre o conceito de estratégia integral, associado a estratégias particulares. O estudo da estratégia integral é essencial para esta investigação porque define as interações necessárias e a combinação entre a estratégia naval e as várias estratégias específicas para a consecução dos objetivos definidos pela política marítima nacional.

Por fim, a terceira seção apresentará as considerações parciais do capítulo.

2.1 Diplomacia naval permanente

A obra de Coutau-Bégarie (2010) tem o mérito de chamar a atenção para a dimensão permanente da diplomacia naval. Isso resulta da acumulação a longo prazo de uma presença simbólica ou de ações a partir das quais o Estado em questão reforça seu status de poder e exerce influência. Esta seção analisará em profundidade os principais componentes da diplomacia naval permanente, incluindo as diplomacias navais simbólica, de rotina, de defesa e econômica.

⁸ É necessário enfatizar que a diplomacia naval não é uma invenção do mundo atual. Tem uma história antiga muito rica. O seu estudo como componente essencial das funções das Marinhas foi impulsionado pelo trabalho pioneiro de James Cable, nos seus livros, *Gunboat Diplomacy* em 1971 e *Diplomacia no mar* em 1985. Outros autores, principalmente anglo-saxões, sucederam-no com estudos teóricos sobre o cotidiano dos marinheiros como Ken Booth, Tom Clancy, Edward Luttwak ect.

2.1.1 Diplomacia simbólica

A diplomacia naval simbólica consiste na afirmação do posto e na dissuasão existencial. Coutau-Bégarie afirma que:

Uma forte dimensão simbólica atribui-se à existência de forças navais : o simples fato de possuir uma Marinha modifica a percepção tanto daquele que a possui quanto de seus aliados ou possíveis adversários. O possuidor é capaz de intervir além de seu território terrestre, sem ser um espectador obrigado a sofrer (BEGARIE, 2010, p. 50, tradução nossa)⁹.

Na mesma linha, Widen¹⁰ argumenta que na diplomacia naval os objetivos são a influência política e o alvo são as mentes e percepções de tomadores de decisão hostis e amigos (BEGARIE, 2010; WIDEN, 2011)¹¹.

Para Coutau-Bégarie, os efeitos da percepção variam de acordo com o instrumento utilizado. Se qualquer tipo de navio pode ser usado para fins humanitários ou políticos, o instrumento preferido é o porta-aviões. É, por excelência, “o símbolo e instrumento do poder; o rei dos espaços marítimos, mas também o meio de um ataque profundo no interior das terras” (BEGARIE, 2010). O movimento de um porta-aviões sempre transmite uma mensagem significativa porque representa, em essência, a força de ataque de um Estado e, portanto, passível de modificar o comportamento do receptor (PARMENTIER, 2020)¹².

Embora menos conhecida, também existe a diplomacia naval realizada por nações com submarinos. Estes últimos podem sinalizar a sua presença discreta ou assertiva atravessando ou aproximando-se de áreas onde não deveriam estar presentes ou perto de unidades navais de um país para o qual queremos enviar uma mensagem¹³.

⁹ Texto original na lingua francesa. “Une dimension symbolique forte s’attache à l’existence des forces navales: le seul fait de posséder une Marine modifie la perception tant de celui qui la possède que de ses alliés ou adversaires éventuels. Le possesseur est capable d’intervenir au-delà de son territoire terrestre, sans être un spectateur obligé de subir”.

¹⁰ Essa concepção de diplomacia naval é retirada do artigo editado pelo Jerker J. Widen, intitulado *Diplomacia Naval - Abordagem Téorica. Diplomacy & Statecraft*, no 22, p.715-733. New York: Routledge, 2011.

¹¹ Alfred Mahan (1840-1914) também argumentou que o poder marítimo aumenta o prestígio, a segurança e a influência de um país. Segundo este autor, ser fraco no mar expõe você a perigos políticos e estratégicos, tanto no país quanto no exterior (MAHAN, 1899, p.443).

¹² PARMENTIER, Florent. A invenção da diplomacia naval, publicado em *Eurasia prospective*, 2020. Disponível em: <<https://eurasiapropective.net/2020/07/23/invenção-da-diplomacia-naval-millet-eurasia-prospectivo-1-3/>>. Acesso em: 03 maio 2023.

¹³ O caso típico é a implantação do submarino de ataque nuclear equipado com mísseis guiados (SSGN) "Kursk", no verão de 1999 no Atlântico e no Mediterrâneo: após a guerra em Kosovo, o Sr. Putin queria mostrar para os ocidentais que a Rússia era um poder militar e naval a ser considerado. Disponível em: <<https://www.cairn.info/ revisão-estratégica-2008-1-page-173.htm>>. Acesso em: 03 maio 2023.

Quanto aos outros meios de superfície, Coutau-Bégarie acredita que o menor navio de superfície, por mais modesto que seja, é susceptível de se envolver em operações relacionadas com a diplomacia naval. Qualquer navio pode realizar uma missão de presença e vigilância. Mas hoje, diante da proliferação dos mísseis, da ameaça aérea, não é possível que as grandes potências se contentem com meios modestos, portanto mais acessíveis. É necessário dispor de uma vasta panóplia, capaz de enfrentar vários cenários de crise que vão desde o incidente com um adversário costeiro e mal armado até ao confronto com um adversário com meios modernos (BEGARIE, 2010).

Verdadeira parcela do poder público, o navio de guerra está, portanto, a serviço da diplomacia do poder dos Estados. Em sua concepção mais antiga, a diplomacia estava associada à diplomacia da canhoneira¹⁴, símbolo de projeção de poder até o século XX. Ao contrário da diplomacia clássica em que a força permanece latente, mas nunca declarada, o possível recurso à força é aqui explícito, senão ostentoso. A força está sempre pronta para se transformar em constrangimento, em coerção. Esta forma de diplomacia naval enquadra-se na diplomacia naval “dura”. Nesse caso, ao final de um processo de negociação que se mostrou deficiente, a força coercitiva é acionada (BEGARIE, 2010; HENROTIN, 2011)¹⁵.

Tendo em vista o exposto, deduzimos que o fato de um Estado dispor de navios de guerra modernos com capacidade para estar permanentemente presente no mar e intervir por meios fortes e eficazes constitui um sinal político de afirmação de poder. O tipo de navio utilizado depende dos efeitos políticos esperado. No entanto, pode-se razoavelmente estimar que, ao contrário da diplomacia “dura”, a diplomacia naval “suave” é um meio de alcançar a eficiência político-diplomática.

Em conclusão, um Estado pode utilizar este elemento simbólico para aumentar seu reconhecimento perante outro Estado, contribuindo para a construção do prestígio de sua Marinha no cenário internacional. No entanto, para alcançar resultados diplomáticos significativos, esse efeito existencial deve ser acompanhado de demonstrações rotineiras.

¹⁴ Esta diplomacia ofensiva consistia, fora de qualquer conflito declarado, em pressionar um ator com o envio de uma frota que não hesitava em usar a artilharia para o cumprimento de um acordo, a restituição de prisioneiros, o pagamento de dívidas. Disponível em: <<https://www.arenion24.news/2020/06/25/a-diplomacia-naval-uma-ferramenta-de-soft-power/>>. Acesso em: 03 maio 2023.

¹⁵ Joseph Henrotin é um cientista político belga especializado em questões de defesa. É autor do livro, *As fundações da Estratégia Naval do século XXI*, publicado em 2011. Nesta obra ele evoca as características da diplomacia naval dura que se refere ao uso do instrumento naval em um ambiente marcado pelo risco de comprometimento da força (HENROTIN, 2011, p.401).

2.1.2 Diplomacia de rotina

A diplomacia de rotina consiste em visitas de cortesia, manobras e demonstrações navais. É uma política de presença que permite ao Estado hastear a bandeira, ou seja, exibir o poder do seu dono e estreitar os seus laços de cooperação com outros países. Para Coutau-Bégarie, "esse efeito existencial é ainda reforçado por eventos rotineiros cujo objetivo primordial não é necessariamente obter um efeito diplomático, mas que, no entanto, têm tal efeito induzido" (BEGARIE, 2010).

Para além de qualquer lógica coercitiva, a mobilidade das frotas oferece a vantagem de poder concretizar relações bilaterais e multilaterais. As implantações são a ocasião de tantas escalas, obviamente necessárias para descanso das tripulações, reabastecimento, mas também permitindo manter as ligações com os países visitados. De acordo com Henrotin, a frequência mais ou menos acentuada de escalas em portos estrangeiros dá uma medida de relações interestatais, que podem refletir uma cooperação bem estabelecida, um sinal da vitalidade de uma aliança política. Estas visitas de cortesia constituem então a formalização do grau de cooperação entre os Estados e podem transmitir uma mensagem forte, incluindo e sobretudo no início destas relações (HENROTIN, 2011).

As manobras navais consistem em exercícios com Marinhas de outros países. Podem ser nacionais ou multinacionais. As manobras nacionais permitem aos observadores estrangeiros, quando convidados, constatar a qualidade dos homens e materiais que fazem da Marinha em tempos de crise um eficaz instrumento de poder. No nível superior, esse efeito simbólico é reforçado no quadro de manobras multinacionais. Estas pertencem à diplomacia de rotina quando ocorrem fora de qualquer contexto de crise (BEGARIE, 2010).

Além disso, essas manobras visam demonstrar a vitalidade ao longo do tempo dos vínculos político-militares entre os Estados, ao mesmo tempo em que podem enviar uma mensagem política à atenção de potenciais adversários. Embora tenham um interesse essencialmente operacional, não deixam de induzir um certo efeito político ao criar hábitos partilhados com outras nações, promover o diálogo entre as forças armadas e a partilha de valores e saberes. É nessa lógica que Henrotin considera que a diplomacia de rotina constitui uma espécie de diplomacia naval "suave" (HENROTIN, 2011).¹⁶

¹⁶ HENROTIN, 2011, p.406.

Para ilustrar, a ação internacional contra a pirataria no GoG, levou, por exemplo, as Marinhas da África, América, Europa e Ásia a trabalharem estreitamente em uma postura mais cooperativa. Essa sinergia de ações se aproxima da teoria do *soft power* exposta por Nye¹⁷. Ele explicou que : “o *soft power* é baseado na capacidade de definir a agenda política de forma a moldar as preferências dos outros” (NYE, 2004).

À semelhança das visitas de cortesia, recordamos que as manobras navais fazem parte dos eventos de rotina que permitem às diversas Marinhas trabalhar numa lógica colaborativa, estabelecer e consolidar frutuosa laços de cooperação. Essa forma de diplomacia naval é uma característica do novo ambiente internacional contemporâneo, em particular o novo direito do mar cuja convenção foi assinada em 10 de dezembro de 1982 em Montego-bay, que convida os Estados a trabalharem em conjunto para enfrentar os desafios da segurança marítima.

Assim como a diplomacia simbólica, consideramos que a diplomacia de rotina incorpora o fator da presença. É graças a essa presença que o Estado pode produzir efeitos concretos e direcionados para alcançar objetivos específicos, como veremos nas categorias a seguir.

2.1.3 Diplomacia de defesa

A diplomacia de defesa é definida como todas as atividades internacionais baseadas essencialmente no diálogo e na cooperação, implementadas pelo Ministério da Defesa em nível bilateral, com aliados, parceiros e países amigos, com o objetivo de promover o alcance dos objetivos da política de defesa a serviço da ação externa do estado¹⁸.

Para Coutau-Bégarie, esta categoria refere-se à participação da Marinha em ações como negociações internacionais como Organização das Nações Unidas (ONU), União Europeia (UE), Organização Marítima Internacional (IMO) etc., monitoramento e diálogo estratégico, apoio à atividade diplomática com organizações internacionais, cooperação em defesa. Em outras palavras, refere-se a todas as atividades não violentas das Forças Armadas

¹⁷ Joseph NYE é analista de teorias das relações internacionais. É autor do livro, *Soft Power: The Means to Success in World Politics*, publicado em 2004.

¹⁸ Esta definição é retirada do Plano de Diplomacia de Defesa do Ministério da Defesa do Reino da Espanha, publicado em janeiro de 2012. Disponível em: <<https://www.defesa.gob.es/Galerias/defensadocs/plano-diplomacia-defesa.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2023.

que podem contribuir para a estabilidade e a influência internacional do Estado. Essa forma de diplomacia expressa claramente a ideia de buscar a segurança por meio do uso das Forças Armadas para fins de cooperação. Está, portanto, como o próprio nome sugere, ao serviço da diplomacia, mais do que ao serviço da eficiência militar enquanto tal. (BEGARIE, 2010).

A Marinha participa da diplomacia de defesa por meio da rede de adidos navais. Estes últimos são verdadeiros especialistas que conhecem perfeitamente o país em que estão alocados. Seu papel consultivo é essencial para direcionar a cooperação do Ministério da Defesa em diversas áreas ou setores. Contribuem para o apoio à atividade diplomática através da negociação e assinatura de múltiplos acordos de cooperação técnica e operacional e da participação em diversas instâncias como fóruns e simpósios internacionais (SOLLER, 2020)¹⁹.

Concordamos que a diplomacia de defesa é a categoria que melhor permite a construção de diálogos entre as autoridades de defesa. A condução, acompanhamento e animação da diplomacia de defesa no exterior é da responsabilidade dos adidos navais, que constituem uma expertise essencial em termos de representação e defesa dos interesses da Marinha do seu país nos Estados para onde são enviados.

Depois de elucidado o conteúdo da diplomacia de defesa, nosso estudo agora se concentrará na diplomacia econômica que utiliza a ferramenta naval para atingir objetivos econômicos.

2.1.4 Diplomacia econômica

De acordo com Coutau-Bégarie, a diplomacia econômica se refere ao uso de instrumentos navais para fins de promoção econômica. É uma função importante das Marinhas contemporâneas que cresceu em importância nas últimas décadas. Visitas de navios no exterior podem servir de vitrine do *know-how* de um país, na esperança de obter encomendas de armamentos. Daí a corrida por mercados, apoiada em políticas comerciais que utilizam sistematicamente instrumentos navais para fins de promoção comercial. O navio pode cumprir uma missão de diplomacia econômica ao apetrechar o espaço de um

¹⁹ SOLLER, Marion. Géopolítica dos mares e oceanos, publicado na revista Principais das questões diplomáticas, 2020, n. 55. Disponível em <<https://www.areion24.news/2020/06/25/A-diplomacia-naval-uma-ferramenta-de-soft-power>>. Acesso em: 2 maio 2023.

showroom para apresentar equipamentos e *know-how* a um potencial país comprador. Algumas implantações também têm o propósito declarado de apoiar possíveis contratos de exportação de material, também conhecidas como operações de apoio à exportação (BEGARIE, 2010).

Além disso, há também grandes feiras navais que se multiplicaram para se aproximar de potenciais clientes, como a EURONAVAL na França, *Doha International Maritime Defense Exhibition and Conference* (DIMDEX) no Catar, *Latin America Aerospace and Defense* (LAAD) no Brasil. Esses eventos têm o mérito de reunir todos os atores da defesa naval mundial em um só lugar. Estão expostas ofertas de equipamentos navais de todo o mundo e isso atrai uma clientela internacional. Marinhas de todo o mundo marcam presença, seja para oferecer seus equipamentos ou para adquirir novos.

Finalmente, mencionemos a importância dos estaleiros. A construção naval é um setor lucrativo no sentido de que a reparação de navios e plataformas petrolíferas é uma importante fonte de divisas para os Estados. O fato de um Estado ter um estaleiro é uma vantagem considerável em um plano duplo, não só permite ganhar contratos de construção e reparação de navios, mas também garantir a autonomia operacional da sua frota. Deve permitir à Marinha responder aos seus desafios estratégicos, nomeadamente permanência, resiliência, interoperabilidade, manutenção em condições operacionais e prontidão operacional (NDUTUMU, 2012)²⁰.

Em análise, a diplomacia econômica é a categoria que conjuga os objetivos diplomáticos e a função comercial das Marinhas. Para além do interesse operacional, a utilização das suas plataformas em espaços de *showroom*, salas de exposições navais e a importância dos estaleiros na indústria de defesa, são a materialização do papel da Marinha como um ator que contribui os interesses econômicos da nação.

Chegados ao final desta seção, podemos entender melhor, os desafios de um Estado ter uma Marinha, cujo papel é resumido pelo Almirante Gorshkov:

Demonstrar poder econômico e militar além das fronteiras; mostrar prontidão para a ação, deter inimigos potenciais e apoiar amigos; surpreender prováveis inimigos com a perfeição do equipamento mostrado e afetar seu moral; enfim, sugerindo-lhes de antemão a inutilidade da luta... que muitas vezes tem permitido a execução

²⁰ Samuel Sylvain Ndutumu é Oficial da Marinha camaronesa. Ele é formado pela Escola Naval de Brest, graduado do ensino militar superior de segundo nível. É autor do livro, *A Geopolítica Marítima do GoG no século XXI*, publicado em 2012. Neste livro, o autor apresenta as grandes tendências da indústria naval mundial e, em particular, o papel secundário de alguns países do GoG no setor.

de objetivos políticos sem recurso às operações militares, pela única ameaça de abertura de hostilidades (GORSHKOV apud LABAYLE-COUHAT, 1980, p. 567, tradução nossa)²¹.

Em suma, a tipologia estabelecida por Coutau-Bégarie permitiu compreender melhor a relação da Marinha com a política externa, bem como as diversas possibilidades de emprego do poder naval, fora de qualquer contexto de guerra. Como Geoffrey Till aponta, “a diplomacia naval é claramente um negócio sério. Não é apenas algo que as Marinhas fazem quando não têm uma guerra em mãos. Importa, do ponto de vista internacional”(TILL, 2004)²². A diplomacia naval pode, portanto, ser apreendido como um dos aspectos cotidianos da atividade das Marhinas, mais do que como uma missão das Marinhas propriamente dita. Foi isso que Ken Booth quis demonstrar, através dos diagramas sobre os usos do mar²³.

Seguindo Coutau-Bégarie, a seção seguinte analisa o conceito de estratégia integral de Poirier e as diferentes estratégias específicas que o compõem.

2.2 Estratégia integral

Alcançar objetivos políticos e estratégicos na diplomacia naval requer pensar a estratégia como um todo. Nesse sentido, a estratégia integral considera indissociáveis os aspectos militares, diplomáticos, econômicos, industriais e morais. Para esclarecer nosso argumento, o conceito de estratégia integral será apresentado na primeira parte desta seção e seus componentes na segunda.

2.2.1 Conceito de estrategia integral

De acordo com Poirier, um Estado em que o mar representa uma questão importante

²¹ Texto original na lingua francesa. “Démontrer sa puissance économique et militaire à l’intérieur des frontières; montrer sa préparation à l’action; dissuader les ennemis potentiels et appuyés les amis; surprendre les ennemis avec la perfection des équipements et affecter leur moral ; enfin, suggérez leur par avance la futilité de la lutte... qui a souvent permis l’exécution d’objectifs politiques sans recourir à des opérations militaires, par la seule menace d’ouverture des hostilités”. Esta citação foi retirada do livro de Coutau-Bégarie para demonstrar que uma esquadra é um elemento valioso da política externa. O autor menciona esse pensamento do Almirante Gorshkov, citado em Jean Labaye-couhat, *Frotas de batalha*, 1980, p. 567.

²³ Ver ANEXO A. Figura 1 - Os usos do mar segundo Ken Booth.

precisa de uma estratégia integral que envolva objetivos políticos a serem alcançados²⁴. Esses objetivos políticos gerais exigem que estratégias particulares sejam aplicadas em conjunto, a fim de aproveitar todas as oportunidades oferecidas pela exploração dos oceanos²⁵. Este autor define a estratégia integral como a teoria e a prática da manobra de todas as forças de todos os tipos, atuais e potenciais, resultantes da atividade nacional, que visam atender a todos os propósitos definidos pela política geral. Combina os resultados das três estratégias econômicas, culturais e militares. Numa unidade de pensamentos e ações que organiza seus objetivos, suas formas e seus meios (POIRIER, 1982).

Para sustentar o pensamento de Poirier, Wedin²⁶ menciona que há uma relação de dependência ou servidão entre as diferentes estratégias : essa é a noção “castexiana” de “dependências”. Além disso, o autor destaca que a importância das “dependências” é uma particularidade da estratégia marítima. Resulta da dualidade de forças navais que servem tanto o mundo marítimo como as Forças Armada (WEDIN, 2015).

Segundo a visão de Castex²⁷ o conceito de "dependências" refere-se às ações e reações das diferentes estratégias entre si. Castex afirma que:

elas povêm da unidade da guerra, da existência lado a lado de uma guerra militar (nos três ambientes), de uma guerra política, de uma guerra econômica, de uma guerra moral etc., as quais são intimamente ligadas entre si, confundidas em um todo e que somos obrigados a conduzir simultaneamente, conforme as exigências da estratégia geral, que ultrapassa e coordena as estratégias particulares (CASTEX, apud LARS WEDIN, 2015, p.127)²⁸.

A abordagem de Poirier implica que a eficiência não reside apenas no fator militar, mas na acumulação de estratégias econômicas e culturais. No entanto, de uma perspectiva mais ampla, a estratégia integral é tanto mais eficaz quanto leva em consideração as estratégias diplomática, econômico-financeira, industrial e moral. As necessidades e as relações que a estratégia integral engendra entre as estratégias particulares constituem as servidões ou as estratégias em “dependência”.

Já esclarecemos o conceito de estratégia integral. Agora vamos olhar para as relações

²⁴ POIRIER, 1982, p. 109.

²⁵ Ver ANEXO B. Figura 2 - Os componentes da estratégia integral de Poirier.

²⁶ Lars Wedin foi um Oficial da Marinha sueca. É autor do livro, *Estratégias Marítimas no Século XXI, contribuição do Almirante Castex*, publicado em 2015. Em seu livro, ele dedica importantes desenvolvimentos ao conceito de estratégia integral, sob a influência de autores como Castex e Poirier.

²⁷ O Almirante Raoul Castex (1878-1968) foi o primeiro diretor do Colégio (atual Instituto) de Altos Estudos de Defesa Nacional francesa. É autor de *Teorias Estratégicas*, que constituem segundo Coutau-Bégarie “o maior tratado sobre estratégia marítima já escrito” (BEGARIE, 1999, p. 494).

²⁸ Texto original na língua portuguesa.

que existem entre as estratégias particulares.

2.2.2 Relacionamentos entre estratégias particulares

Em primeiro lugar, o ponto de partida da lógica “castexiana” é a estratégia naval (WEDIN, 2015). Ela permite a exploração dos mares após seu domínio pelas Marinhas estaduais, sem os quais dificilmente seria possível aproveitá-los. Ao serviço da estratégia marítima, a estratégia naval é responsável por atuar nas áreas da defesa dos interesses do Estado e intervenção face às ameaças²⁹. Castex abordou o assunto dizendo que a estratégia naval, ao contrário de outras estratégias, dificilmente é livre. Ele sustenta que apesar de ter liberdade para aplicar sua técnica durante as operações, a estratégia naval muitas vezes não tem a escolha das operações em que vai atuar e é por esse aspecto que reside a existência de servidões (Castex, 1976).

Em segundo lugar, há uma forte ligação entre a estratégia diplomática e a estratégia naval, via estratégia marítima. A estratégia marítima necessita de uma estratégia diplomática, para que o Estado possa tirar partido das suas relações com as outras potências marítimas, sem ficar numa posição de inferioridade. Isso requer o estabelecimento de uma série de mecanismos, como regras que garantam a liberdade de navegação e a concorrência leal na exploração dos recursos marítimos. No contexto do combate à pirataria marítima, por exemplo, a estratégia marítima necessita constantemente de um quadro de cooperação internacional que permita definir regras comuns de comportamento para todos os operadores no meio marinho e estabelecer estruturas de comando adaptadas. É óbvio que as forças navais fornecem as vias e os meios para este tipo de ação (WEDIN, 2015).

Em terceiro lugar, a estratégia marítima vive em simbiose com a estratégia econômica e a estratégia industrial. Com efeito, o transporte de todos os tipos de recursos oferecidos pelo mar, a criação dos seus meios e condução das operações releve de estratégia econômica. Como o homem não pode viver ou trabalhar no mar sem meios tecnológicos de ponta, a estratégia industrial é de suma importância para um Estado que deseja se equipar com uma Marinha militar ou mercante. Abrange uma vasta área de atuação: pesquisa, desenvolvimento, construção de navios e plataformas, eletrônica,

²⁹ Julian Stafford Corbett (1854-1922) acreditava que a diplomacia naval é melhor compreendida como parte da diplomacia marítima nas muitas situações em que o mar é um fator importante (CORBETT, 1988, p. 15).

armamento e para grandes Marinhas, aeronáutica (WEDIN, 2015).

Por último, sobre a estratégia moral, Castex pensa que todas as manobras, sejam elas militares, econômicas, financeiras e políticas devem ser baseadas em dados moral. O elemento chave aqui é a compreensão que os cidadãos e seus representantes políticos têm da realidade marítima. Deve-se notar que apesar da importância do seu litoral, alguns países tiveram muitas vezes de privilegiar o poder terrestre e só recentemente se voltaram para o mar. A sensibilização para o fenómeno marítimo cabe sobretudo ao poder político através da educação nacional e da imprensa. A Marinha também tem um papel a desempenhar, pois é responsável por fornecer informações sobre suas atividades (CASTEX, 1976).

Tendo em conta os desenvolvimentos anteriores, pode dizer-se que a diplomacia naval é mais eficaz quando devidamente integrada com todos os outros aspectos da estratégia marítima. Nesta articulação, a estratégia naval desempenha um papel preponderante no sentido em que proporciona as vias militares e os meios que permitem usufruir das apostas do mar. Existem também outras estratégias incluindo diplomática, econômica, industrial e a moral que devem necessariamente estar associadas à estratégia marítima.

2.3 Considerações parciais

As missões da Marinha contemporânea evoluíram claramente ao longo do tempo. Hoje, o coração do seu trabalho não reside mais apenas na preparação de combate de alta intensidade, mas está localizado na participação em diversos cenários que vão desde situações de crise de baixa intensidade até outras categorias de missões que exigem a utilização de meios navais diversificados.

Pela natureza dualista da Marinha, é necessário adotar uma estratégia integral e definir as interações necessárias entre a estratégia naval e as várias estratégias específicas. A estratégia naval é mais eficaz quando integra os outros componentes da estratégia integral para atribuir-lhe um lugar na condução da ação naval.

Finalmente, a escolha de limitar o estudo à diplomacia naval permanente revelou-se decisiva, uma vez que os Camarões não realizaram operações relacionadas com a diplomacia naval de crise nos últimos anos. No próximo capítulo, vamos nos concentrar na diplomacia naval camaronesa.

3 DIPLOMACIA NAVAL DE CAMARÕES

O aumento das ameaças assimétricas do mar permitem de pensar ao regresso em vigor da dimensão política da Marinha, que se manifesta em ações de caráter dissuasivo, demonstrações e cruzeiros de bandeira e apoio à política externa de Camarões para preservar os interesses nacionais no mar. O impacto da ameaça no GoG por um lado sobre o tráfico e por outro sobre as atividades extrativas, levará Camarões a colocar a sua Marinha a trabalhar para a segurança desta zona marítima considerada como uma parte estratégico do país. Este capítulo estrutura-se a partir de uma análise que atravessa os níveis político e estratégico de envolvimento da Marinha de Camarões no GoG, para posteriormente examinar as ações de seus navios ao nível operacional e tático.

A primeira seção deste capítulo visa dar conta do papel da Marinha de Camarões enquanto potência ao serviço da emancipação estratégica do GoG. Será dada ênfase à importância estratégica e económica do GoG, bem como à articulação da diplomacia naval camaronesa nesta região marítima.

A segunda seção apresenta uma avaliação resumida das ações da Marinha de Camarões nas categorias relacionadas à diplomacia de defesa, cooperação, humanitária e intervenções contra o crime marítimo.

A terceira seção avalia o impacto simbólico da missão “*Sea Lions 2022*”, que é uma ilustração concreta e inédita de uma operação que contribuiu para a influência internacional de Camarões no campo da diplomacia naval.

Por fim, a quarta seção destina-se as considerações parciais.

3.1 Uma diplomacia naval ao serviço da emancipação estratégica do GoG

O GoG representa uma zona de interesse estratégico e económico. Camarões dirige a sua diplomacia naval na região, não numa lógica de poder, mas no sentido de uma entidade de parceria com as outras Marinhas vizinhas.

3.1.1 Importância estratégica e económica do GoG

A localização do GoG numa das encruzilhadas marítimas mais movimentadas do mundo faz desta região um polo de atratividade a nível mundial. Estrategicamente, suas

hidrovias são de suma importância para quase todos os países ao longo de seu litoral, bem como para os países sem litoral que dependem do acesso ao mar para importação de bens e serviços e exportação de matérias-primas. É também constituída por uma grande diversidade de relevos significativos no mar, que podem servir de abrigo aos meios navais e aeronavais das grandes potências³⁰.

Economicamente, o GoG é um ativo essencial para a economia global. É abundante em muitos recursos minerais, pesqueiros e petrolíferos. A importância de suas reservas de petróleo faz desta região uma das mais ricas em petróleo do mundo³¹. Nesta região marítima desenvolvem-se também diversas atividades geradoras de emprego, como a aquicultura, o turismo costeiro, o transporte de pessoas e mercadorias (MVOMO ELA; UKEJE, 2013)³².

Da mesma forma, as atividades relacionadas com a economia marítima de Camarões³³ vêm diretamente da utilização extrativa ou não extrativa dos recursos marítimos, como a pesca, a exploração de petróleo e gás, o transporte marítimo de mercadorias ou de passageiros, as atividades portuárias, o turismo balnear e o lazer costeiro. As atividades como a segurança marítima, construção e reparação naval, comércio, aluguel de equipamento marítimo, bem como o armazenamento e transporte de produtos petrolíferos também são representadas.

No entanto, esta maritimização da economia observável em todos os países que fazem fronteira com o GoG levará ao desenvolvimento de atividades paralelas como a pirataria marítima, poluição, destruição da fauna e flora aquáticas, superexploração dos recursos pesqueiros, tráfico humano e atividades de contrabando. Devido à ineficiência dos mecanismos de cooperação entre os Estados da região, as redes criminosas transfronteiriças irão adensar e diversificar as suas atividades desde o interior até ao alto mar, passando por zonas de atividade económica e costeira.

³⁰ MENDOUA, Jean. Editorial, publicado em “Pompons Rouges”, revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2013, n. 001, p. 6.

³¹ O GoG abundaria com 24 bilhões de barris de reservas de petróleo, para 8% das reservas mundiais de gás natural. GoG concentra 60% da produção do continente. Disponível em <<https://www.ege.frinfo guerra/questão-de-poder-e-influência-do-petróleo-no-golfo-da-guiné>. Acesso em: 23 jun. 2023.

³² MVOMO ELA, Wullson; UKEJE, Charles. Abordagem africana à segurança Marítimo: caso do golfo da guiné. Nigeria: Ed. Friedrich-Ebert-Stiftung, 2013, p.9 Disponível em <https://www.cetri.be/IMG/pdf/artogo-as-recussos-naturais-no-golfo-da-guiné>. Acesso em: 23 jun. 2023.

³³ Disponível em <https://fr.wikipedia.org/economia-de-Camarões>. Acesso em: 23 jun. 2023.

Neste contexto preocupante tanto para os Estados costeiros como para a comunidade internacional, os Estados da CEEAC desenvolverão em 2009 uma estratégia comum para assegurar os seus interesses vitais no mar³⁴. O desafio de Camarões é colocar a sua Marinha não só ao serviço da prevenção e repressão dos atos de criminalidade marítima na sub-região, mas também para contribuir para o desenvolvimento da integração securitária na dimensão das ameaças³⁵. Este imperativo emerge das Resoluções 2018 (2011) e 2039 (2012) do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), que sublinhou a responsabilidade primária dos Estados africanos na garantia do seu domínio marítimo e os encorajou a definir conjuntamente uma estratégia regional abrangente³⁶.

Assim, para preservar o potencial económico e a importância estratégica do GoG, a Marinha de Camarões participa regularmente em várias iniciativas regionais destinadas a fortalecer as capacidades navais africanas diante ao crime marítimo³⁷. É com base nos seus compromissos político-militares que é articulada sua contribuição para a implementação de uma política e estratégia de segurança comum. Esta contribuição estrutura a sua diplomacia naval no GoG.

3.1.2 Articulação da diplomacia naval de Camarões no GoG

O empenho das forças navais camaronesas na missão de assegurar a estabilidade no GoG, resulta da assinatura pelo Camarões de duas importantes convenções, nomeadamente o Memorando de Entendimento de Kinshasa o acordo técnico entre a CEEAC e o Estado de Camarões, Gabão, Guiné Equatorial e São Tomé e Príncipe para a implementação de um plano de vigilância e segurança marítima para a zona D³⁸. Este

³⁴ Camarões é parte do Memorando de Entendimento de Kinshasa relativo à estratégia para garantir os interesses vitais no mar dos Estados da CEEAC no GoG. Adotado em 24 de outubro de 2009, reúne nove Estados Partes, incluindo Camarões, Congo, Angola, República Centro-Africana, Gabão, Chade, Guiné Equatorial, República Democrática do Congo e São Tomé e Príncipe.
Disponível em: <https://au.int/sites/default/files/documents/30854-doc-eccas_protocol_0.pdf.

³⁵ Camarões desempenhou um papel de liderança na criação e estabelecimento do Centro de Coordenação Inter-regional (CIC). A sede desta instituição está localizada em Yaoundé.

³⁶ ATONFACK, Serge Cyrille. *O Centro de Coordenação Inter-regional (CIC), entendendo sua ascensão ao poder*, publicado em "Pompons Rouges", revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2018, n.009, p. 12.

³⁷ MENDOUA, Jean. Editorial, publicado em "Pompons Rouges", revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2013, n. 001, p. 6.

³⁸ Ver ANEXO C. Figura 3 - Delimitação do Espaço Marítimo CEEAC do Golfo da Guiné incluindo zona D.

acordo cria o Centro Multinacional da Coordenação (CMC), especifica o seu papel, as suas responsabilidades, desenvolve a estratégia de segurança a implementar e define os meios que os Estados se comprometem a disponibilizar para atingir os objetivos estabelecidos. Desde a assinatura deste acordo em 2009, Camarões tem servido como o Estado líder da Zona D.

Especificamente, para as necessidades da estratégia de segurança comum, Camarões comprometeu-se a colocar um barco de patrulha à disposição do Grupo Naval da CEEAC e a implantar um Centro de Operações Marítimas (COM) para a coleta e compartilhamento de informações com o CMC. As atividades do CMC da zona D iniciaram-se efetivamente o 14 de setembro de 2009, com o destacamento de um Grupo Naval constituído pelos barcos patrulha "CNS AKWAYAFE" de Camarões, "RODMAN 66 BETSENG" do Gabão e "CABO SAN JUAN" da Guiné -Equatorial³⁹. Este primeiro destacamento permitiu avaliar as capacidades das várias Marinhas para trabalharem no quadro regional, integrando as áreas de esforço para uma melhor interoperabilidade operacional e harmonização de procedimentos normalizados.

Assim, desde o início do patrulhamento marítimo conjunto na zona D, essa sinergia de ações apresentou resultados satisfatórios. Com efeito, a presença ativa e dissuasiva no mar com o apoio de forças amigas contribuiu para a regressão do fenómeno da pirataria e roubo marítimo. A proteção efetiva e eficiente de instalações offshore reduziu significativamente o fenómeno de reféns em plataformas de petróleo. Registramos ainda a satisfação de várias empresas que operam neste espaço marítimo bem como uma boa integração regional dos fuzileiros navais dos países da zona D.

Por seu lado, a Marinha de Camarões pode ficar satisfeita por ser alvo de especial atenção por parte dos parceiros. Mais especificamente, é constantemente chamado a participar de exercícios conjuntos de alta intensidade envolvendo Marinhas africanas e ocidentais na região. Até o momento, mantém uma diplomacia naval ativa, ajudando a tornar o GoG uma zona marítima relativamente segura.

O argumento abaixo, dá uma ilustração concreta das ações da Marinha de Camarões nas diferentes categorias de diplomacia naval permanente.

³⁹ FONKOUA, Mbah Sylvestre. *O Centro de Coordenação Multinacional: uma resposta adequada à questão da segurança no espaço marítimo comum aos países da zona D*, publicado em "Pompons Rouges", revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2018, n. 011, p. 28.

3.2 Ações da Marinha de Camarões do campo da diplomacia naval

Para aumentar a influência da sua Marinha, Camarões insere-se numa dinâmica de abertura que contempla a diplomacia de defesa, a diplomacia de cooperação, as missões humanitárias e a luta contra o crime marítimo.

3.2.1 Ações de diplomacia de defesa

Dentro da Marinha de Camarões, a diplomacia de defesa é implementada por adidos de defesa. Eles contribuem para a consecução dos objetivos de Camarões no exterior por meio de ações de cooperação em defesa, participação em diálogo estratégico, apoio à atividade diplomática em organizações internacionais ou regionais⁴⁰.

A Marinha de Camarões participa no diálogo estratégico através dos seguintes eventos⁴¹:

- a) Simpósio de Comandantes da Marinhas dos Estados costeiros do GoG, iniciativa francesa destinada a promover o diálogo e a troca de experiências entre as Marinhas dos países ribeirinhos do GoG e os seus parceiros internacionais. Ele consolida uma abordagem comum para as respostas militares e navais às questões relativas à segurança marítima na área. A 6ª edição foi realizada em Paris de 20 a 21 de outubro de 2022;
- b) *International Seapower Symposium (ISS)*, iniciativa dos Estados Unidos que oferece uma oportunidade para líderes marítimos globais para que eles possam conversar e promover a cooperação internacional em segurança marítima. Realizada pela primeira vez em Newport em 1969, esta reunião é uma oportunidade para colaboração voluntária regional e internacional na busca de soluções para os desafios enfrentados pela rede global de nações marítimas;
- c) Feira de exposições EURONAVAL, iniciativa francesa de alcance global que

⁴⁰ Fonte: REPÚBLICA DE CAMARÕES. Decreto n°2012/149 de 21 de março de 2012 sobre a criação e organização de Missões militares e Escritórios militares nos postos diplomáticos no exterior.

⁴¹ SUGWE, Etienne Fils. *Pegada de Camarões através da Marinha*, publicado em “Pompons Rouges”, revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2019, n. 012, p. 7. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cameroonnavy>>. Acesso em: 16 maio 2023.

reúne a maioria dos atores e empresas que operam no campo naval. Sua última edição ocorreu de 18 a 21 de outubro de 2022, no centro de exposições Paris-Le Bourget;

- d) Exposição DIMDEX, organizada sob o alto patrocínio do Emir do Qatar, esta feira de negócios do setor naval oferece oportunidades valiosas para a comunidade marítima de acessar à tecnologia de ponta e oportunidade de construir e fortalecer relacionamentos com as principais partes interessadas;
- e) LAAD, considerada como a maior feira de negócios de defesa e segurança da América Latina, teve sua última edição realizada no Rio de Janeiro de 11 a 14 de abril de 2023. Uma delegação de Oficiais da Marinha de Camarões liderada por seu Comandante foi convidada para esta vitrine.

Como conclusão, pode-se pensar que diante das muitas oportunidades oferecidas por esses grandes eventos, a Marinha de Camarões continuará garantindo sua participação se ela quiser aumentar seu reconhecimento e ser ouvida no concerto das nações.

Tal como a diplomacia de defesa, a diplomacia de cooperação através de visitas de cortesia e exercícios conjuntos são as áreas em que a Marinha de Camarões está particularmente envolvida. Este aspecto será desenvolvido na próxima seção.

3.2.2 Ações da diplomacia de cooperação

Vamos começar olhando para a diplomacia das visitas. Os navios da Marinha camaronesa fazem escalas regulares nos portos dos países da sub-região. Estas visitas intensificaram-se desde a implementação em 2013, da arquitetura de segurança e proteção marítima resultante da Conferência de Yaoundé, estabelecendo a operacionalização de patrulhas marítimas conjuntas entre os países ribeirinhos do GoG.

Além disso, desde 2011, a Marinha de Camarões realizou duas grandes travessias em termos de duração e logística. A primeira decorreu de 1 a 15 de novembro de 2015. Foi pontuada por três escalas: Pointe Noire no Congo-Brazzaville, Port Gentil e Libreville no Gabão. Esta travessia sub-regional fez parte da intensa rodagem dos barcos-patrulha

"CNS LA SANAGA" e "CNS LE NTEM", admitidos ao serviço ativo em 2014⁴². O segundo e mais importante cruzeiro decorreu de 12 de agosto a 13 de outubro 2022, por ocasião da participação da Marinha de Camarões no Bicentenário da independência da República Federativa do Brasil e no exercício UNITAS LXIII. Esta travessia transoceânica incluiu um total de cinco escalas incluindo duas escalas em Abidjan, na Costa do Marfim, duas escalas em Natal e uma escala em Rio de Janeiro⁴³.

No que diz respeito às manobras conjuntas, a Marinha de Camarões participa regularmente em dois grandes exercícios, nomeadamente o *Grand African Nemo* e o *Obangame Express*. O primeiro é um exercício de cooperação operacional multinacional, liderado pela França. Reúne um conjunto de manobras destinadas a reforçar as capacidades navais dos países do GoG banhados pelo oceano Atlântico no combate contra a criminalidade marítima. A sua finalidade assenta na garantia da liberdade de navegação, na exploração saudável e sustentável dos recursos marinhos, bem como no desafio da interoperabilidade e eficiência entre as diferentes Marinhas, criando e promovendo as condições de intercâmbio, diálogo e cooperação necessários entre as Marinhas parceiras.

A edição de 2022, contou com a participação do navio camaronês "CNS DIPIKAR", cuja missão era interceptar um navio da Marinha espanhola, o P43 "RELAMPAGO" fazendo o papel de navio alvo no cenário de luta contra a imigração ilegal⁴⁴.

O segundo exercício segue praticamente a mesma estrutura do *Grand African Nemo*. Mobiliza um conjunto de programas destinados a fortalecer as capacidades dos países da CEEAC no GoG na governança marítima e ajudá-los a desenvolver uma melhor estratégia comum de segurança. Estes programas integram o combate à pirataria marítima, tráfico de armas e munições, drogas e outros estupefacientes, pesca ilegal, raptos e imigração ilegal.

Desde 2011, Camarões já sediou três edições do exercício multinacional

⁴² NGANWA, Francis. *Cruzeiro de soberania para barcos-patrolha da Marinha camaronesa na sub-região*, publicado em "Pompons Rouges", revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2016, n. 009, p. 10.

⁴³ NKOUONCHOU, Théophile. Participação no Bicentenário da Independência do Brasil e no exercício multinacional UNITAS LXIII, os destaques da preparação para uma missão sem precedentes, publicado em "Pompons Rouges", revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2023, n. 13, p. 35

⁴⁴ ITONDO, Yves Christian. *Segurança Marítima no GoG como prioridade*, publicado em "Pompons Rouges", revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2023, n. 13, p. 50.

Obangame Express. A primeira edição decorreu na base naval de Douala de 21 a 23 de abril de 2011, com a participação de navios de Camarões, Gabão, Guiné Equatorial, Nigéria, Marrocos, Estados Unidos, Espanha, França e Bélgica. A segunda edição ocorreu de 25 a 28 de fevereiro de 2013, ao final de um ciclo de três conferências de planeamento realizadas na Alemanha, Itália e Camarões. Esta edição teve como objetivo enfatizar o combate contra o crime e seus derivados. Dezesesseis navios foram mobilizados para a participação de quatorze países, incluindo nacionais dos Estados da CEEAC, Estados Unidos, França, Bélgica, Brasil e Marrocos. Por fim, a terceira edição, organizada no Camarões e quase semelhante às duas anteriores, foi realizada em 2016.

Obviamente, a presença de navios camaroneses em quase todos os países da sub-região teve um efeito positivo em termos de cooperação. Além disso, a participação nas várias manobras conjuntas também atesta a realidade do compromisso de Camarões com outros atores e seu apoio diplomático para o equilíbrio da segurança marítima regional.

Após a diplomacia de visitas e exercícios conjuntos, a seção seguinte abordará as missões humanitárias e o combate ao crime marítimo.

3.2.3 Missões humanitárias e a luta contra o crime marítimo

Primeiro, vamos olhar para a diplomacia humanitária. As missões humanitárias são parte integrante das missões da Marinha de Camarões. O inventário destas operações é da responsabilidade do Gabinete de AEM. De acordo com a informação obtida junto do responsável desta estrutura, estas intervenções são poucas. Além disso, pudemos selecionar algumas operações importantes do ponto de vista da logística envolvida e do tempo de intervenção.

Recordamos, por exemplo, que em 2011, a Marinha de Camarões prestou assistência marítima ao navio cabo francês "ILE DE SEIN", durante a sua colocação de cabos submarinos operações na zona D. Em março do ano seguinte, o navio patrulha "ISSONGO" também havia prestado assistência ao navio mercante "LADY ROSE" de bandeira panamenha, vítima de um incêndio a bordo, a poucas milhas náuticas do Porto Autônomo de Douala. Em junho de 2015, a Marinha de Camarões também participou da recuperação dos naufragos da montanha-russa "RIO MARINA" que havia afundado ao largo de Mabeta em águas camaronesas. Em outubro do mesmo ano, participou das

buscas pela traineira "WILBERT TROYES" que havia perdido todo o contato com seu proprietário⁴⁵.

Por outro lado, a Marinha dos Camarões tem um histórico mais alto em atividades de contra-pirataria, contra-terrorismo, pesca ilegal e contrabando. Historicamente, essas operações se multiplicaram a partir dos anos 2000, devido à crescente insegurança marítima no GoG. Graças à presença dissuasiva de suas forças, a Marinha camaronesa intimida potenciais criminosos no ambiente marinho e seus cúmplices, mostrando que existe uma presença militar capaz de responder a possíveis ameaças.

Em última análise, quer sejam missões de assistência técnica ou humanitária e missões de vigilância no âmbito da luta contra a criminalidade marítima, a Marinha de Camarões tem adquirido uma grande experiência nestas áreas onde as intervenções já se contam às dezenas a cada trimestre.

Depois de fazer uma síntese das intervenções da diplomacia naval camaronesa, analisaremos o caso concreto da travessia transoceânica da Marinha de Camarões para o Brasil.

3.3 Implantação da Marinha de Camarões após o Atlântico

A Marinha de Camarões destacou recentemente um grupo naval formado por dois barcos-patrolha com destino ao Brasil. O objetivo desta seção é destacar o impacto simbólico desta operação inédita.

3.3.1 Travessa transoceanica para o Brasil

No âmbito das Comemorações do Bicentenário da Independência da República Federativa do Brasil, a Marinha de Camarões destacou pela primeira vez na sua história um grupo naval composto por dois barcos-patrolha, "CNS LA SANAGA" e "CNS LE NTEM" que cruzaram o oceano Atlântico para atender ao convite da Marinha do Brasil. Foi também uma oportunidade para o grupo naval participar do exercício "UNITAS LXIII".

⁴⁵ FONKOUA, Mbah Sylvestre. *O Centro de Coordenação Multinacional: uma resposta adequada à questão da segurança no espaço marítimo comum aos países da zona D*, publicado em "Pompons Rouges", revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2018, n. 11, p. 29.

Esses eventos aconteceram no Rio de Janeiro, respectivamente, de 07 a 22 de setembro de 2022. Essa operação recebeu o codinome “*Sea Lions 2022*”. Seu objetivo no nível tático era desenvolver as capacidades operacionais da Marinha em ambiente multinacional e melhorar a interoperabilidade das unidades. No nível diplomático, visa consolidar e revitalizar a cooperação no setor da segurança marítima entre Camarões e Brasil⁴⁶.

Navios camaroneses participaram em três articulações oficiais. A primeira referente ao desfile naval do dia 07 de setembro de 2022. Os navios camaroneses partiram do cais da Guanabara na noite do dia 06 de setembro, seguindo a ordem estabelecida pela Marinha do Brasil para ingressar na linha de navios e iniciar o circuito que levará à chegada de unidades navais no Forte de Copacabana. A segunda articulação quanto a ela, consistiu em trocar uma saudação com o navio brasileiro “APA” a bordo do qual estava o Presidente da República Federativa do Brasil que realizou para a ocasião, a vistoria dos navios participantes do exercício “UNITAS LXIII” em 10 de setembro de 2022. Por fim, a última atividade foi dedicada ao exercício multinacional “UNITAS LXIII”, organizado pelo comando americano *SOUTHCOM* no Mar do Rio⁴⁷.

O objetivo deste exercício era treinar navios em uma estrutura multinacional. Os barcos-patrolha camaroneses foram encarregados de patrulhar as fronteiras da área de exercício ao lado de outras unidades navais. O dia 13 de outubro de 2022 marcará o retorno da frota camaronesa ao seu porto de origem, realizando assim uma saída de alta intensidade de sessenta e três dias no mar com escalas em Abidjan, Natal e Rio de Janeiro.

Qual terá sido o impacto da missão “*Sea Lions 2022*”? A presente reflexão se propõe a responder a essa questão nos desdobramentos que se seguem.

⁴⁶ O grupo de trabalho Brasil-Camarões, criado desde 2018, para monitorar a cooperação em segurança marítima, trabalhou, sob a supervisão do Comandante da Marinha de Camarões, para tornar a travessia do oceano Atlântico pela Marinha de Camarões um ato de fortalecimento bilateral da cooperação marítima.

⁴⁷ NKOUONCHOU, Théophile. *Participação no Bicentenário da Independência do Brasil e no exercício multinacional UNITAS LXIII*, publicado em “*Pompons Rouges*”, revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2023, n. 13, p. 39.

3.3.2 O impacto simbólico da missão “*Sea Lions 2022*”

Desde a sua criação em 1961, a Marinha de Camarões limitou-se a desenvolver capacidades costeiras. No entanto, a enriquecedora experiência da travessia para o Brasil permitiu-lhe inscrever o seu nome em letras douradas no círculo seletivo das Marinhas com capacidades transoceânicas no GoG e mesmo em África. Longe de ser simplesmente uma ambição de projetar poder e força, esta aventura transoceânica permanece fiel à cultura estratégica e à sua política de defesa de Camarões. Nesse sentido, o compromisso de Camarões seria mais uma mensagem à comunidade internacional para uma melhor cooperação multilateral. Esta travessia inédita do oceano Atlântico pode também ser encarada como um forte sinal contra a ameaça que perturba a serenidade das águas do GoG e contra qualquer tentativa de perturbar a segurança das fronteiras marítimas de Camarões⁴⁸.

Além disso, os eventos culturais organizados durante as escalas em Abidjan na Costa do Marfim e no Rio de Janeiro no Brasil contribuíram significativamente para fortalecer o sentimento de orgulho nacional dos cidadãos camaroneses residentes nestes países. As reportagens da imprensa sobre os destaques da missão despertaram renovado interesse entre as populações que se deixaram seduzir pela bravura e profissionalismo do pessoal da Marinha camaronesa no cumprimento desta missão.

No final, a operação “*Sea Lions 2022*” foi um verdadeiro sucesso para a diplomacia naval camaronesa na sua tripla dimensão simbólica, defesa e cooperação. Além do sentimento de respeito e orgulho que despertou, a implantação em si, foi uma demonstração do domínio camaronês de operações navais combinadas sobre longo prazo. Com novas aquisições, a Marinha de Camarões poderia perpetuar este tipo de operação que tornaria Camarões em particular e os Estados costeiros do GoG em geral, atores de eleição numa comunidade marítima internacional mais confiante, cuja sinergia de ações e meios tornaria possível para garantir uma maior segurança das zonas marítimas.

⁴⁸ LACKMATA, Jean. *Descriptografia da missão "Sea Lions 2022"*, publicado em “*Pompons Rouges*”, revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, 2023, n. 13, p. 44.

3.4 Considerações parciais

A estratégia de influência da Marinha de Camarões consiste em responder, através de manifestações preventivas ou intervenções eficazes, a qualquer forma de ameaça que possa prejudicar a segurança marítima no GoG. A sua diplomacia naval coloca-se assim ao serviço de uma abordagem colaborativa cujo objetivo é tornar o GoG uma zona marítima segura e uma alavanca para o aprofundamento dos seus laços de cooperação com as Marinhas ribeirinhas.

Ao hastear a bandeira através de escalas regulares nos países da sub-região, ao participar em diversas iniciativas conjuntas destinadas ao reforço das suas capacidades navais e ao prestar diversas formas de assistência técnica ou humanitária, a Marinha de Camarões tem-se revelado, assim, uma importante vetor de influência para Camarões na região. Além disso, graças ao profissionalismo de suas forças na realização da travessia transoceânica para o Brasil, a Marinha de Camarões demonstrou, podendo contribuir de forma eficaz para a implementação de uma parte da política externa de um país.

Seguindo os capítulos anteriores, tratando respectivamente das considerações teóricas e da diplomacia naval camaronesa, No capítulo seguinte, tratar-se-á do confronto entre as ações da Marinha de Camarões e os conceitos teóricos de Coutau-Bégarie e Poirier.

4 CONCORDÂNCIAS E DISPARIDADES DAS AÇÕES DA MARINHA DE CAMARÕES COM OS CONCEITOS TEÓRICOS DE COUTAU-BÉGARIE E POIRIER

Este capítulo tem como objetivo comparar a diplomacia naval camaronesa com os conceitos teóricos desenvolvidos por Coutau-Bégarie e Poirier. Não se trata apenas de apresentar os pontos de convergência, mas também de destacar os seus limites quando confrontados com a postura camaronesa na matéria, esta última, ao contrário, concorda com os contornos de um conceito cuja singularidade e concretização são progressivas na Marinha de Camarões. A partir dessa perspectiva comparativa, podemos validar ou invalidar a hipótese inicial.

O uso do poder naval como instrumento de política externa, também conhecido como diplomacia naval, abrange uma variedade de atividades tanto em tempo de guerra quanto o de paz. Neste último caso, Coutau-Bégarie encara a diplomacia naval permanente como uma missão quotidiana da Marinha, destinada a hastear a bandeira, fazer visitas de cortesia e estreitar laços de cooperação com outras Marinhas. Já para Poirier, o conceito de estratégia integral destaca a dimensão global da política marítima nacional na qual a ação das forças navais deve necessariamente se enquadrar.

Por outro lado, no que diz respeito à postura de Camarões em termos de diplomacia naval, observamos entre 2011 e 2022, um destacamento e projeção da sua Marinha no GoG, ambiente marítimo estratégico imediato de Camarões e muito recentemente para além do Atlântico. Estas missões manifestam-se através de uma panóplia de ações presenciais, uma bateria de exercícios conjuntos, uma participação significativa em atividades de diplomacia de defesa bem como missões de cruzeiro.

A primeira seção deste capítulo compara a diplomacia navale camaronesa simbólica e rotineira com a teoria de Coutau-Bégarie. Na mesma lógica, a segunda seção confronta a atuação da Marinha camaronesa na diplomacia econômica e de defesa. A terceira seção examina as ações da Marinha de Camarões do ponto de vista da estratégia integral. Por fim, A quarta seção consolida os resultados do confronto.

4.1 Comparação das ações na diplomacia simbólica e de rotina

A diplomacia rotineira desenvolvida por Coutau-Bégarie refere-se à afirmação do posto e à dissuasão existencial. O possuidor do poder naval tem a capacidade de intervir além do seu território (capacidade de projeção), sem ser um espectador incapaz de reagir. Um Estado pode, portanto, utilizar esse elemento simbólico como vetor de poder para aumentar o reconhecimento e o prestígio de sua Marinha no cenário internacional.

A análise realizada no capítulo anterior demonstra que a primeira e mais óbvia missão diplomática da Marinha de Camarões é a expressão desta função simbólica. Ao arvorar regularmente a sua bandeira e demonstrar uma presença ativa no GoG, a Marinha de Camarões conseguiu ascender ao posto de Marinha líder na Zona D. A sua participação sempre foi apreciada não só do ponto de vista político, nomeadamente pelo seu protagonismo na constituição do CIC, mas também a nível militar, pelo não insignificante apoio que constitui a sua frota. Esta posição contribuiu para tornar Camarões um ator influente e essencial na CEEAC no GoG em todas as questões relacionadas à segurança marítima e à proteção na região.

Agora, com a demonstração naval no âmbito da missão "*Sea Lions 2022*", a Marinha de Camarões deixou de ser um espectador sem capacidade de reação. Torna-se um ator, um vetor de influência e poder. A sua diplomacia naval deixa de ser um exercício que se pratica no quadro da cooperação Sul-Sul, para entrar, por sua vez, na era da globalização em que as grandes potências já se encontram lado a lado. Esta é a prova de que existe de facto um fator decisivo na influência sub-regional e mesmo internacional de Camarões, reforçada pelo seu estatuto de primeira Marinha na zona D do GoG.

Se desde a sua criação (1961) a Marinha de Camarões se afirmou no quadro regional, as coisas caminham no sentido de uma evolução. Temos que observar que uma das consequências desta travessia transoceânica foi o enfraquecimento de um certo discurso tradicional a favor das Marinhas ocidentais, consideradas então as únicas dotadas de capacidade de transnavegação e projeção em todos os oceanos e dos mares do globo.

A missão "*Sea Lions 2022*" respondeu assim a uma visão de dissuasão e persuasão. Uma estratégia preventiva de alerta sobre a ascensão de uma Marinha agora dotada de capacidades eficazes de projeção e resposta contra crimes, contravenções e outras atividades fraudulentas cometidas no espaço marítimo. Isso demonstra ao mundo sua nova

face: a de uma Marinha transoceânica.

No âmbito das visitas e manobras conjuntas que Coutau-Bégarie tradicionalmente chama de diplomacia naval de rotina, as ações da Marinha de Camarões incluem escalas regulares nos portos dos países da sub-região e a participação em exercícios conjuntos anuais. Assim, desde 2011, no âmbito da implementação do plano de vigilância da Zona D, a Marinha de Camarões faz escalas regulares no Congo, Gabão e Guiné Equatorial. A frequência dessas atividades é um bom indicador da vitalidade das relações diplomáticas entre Camarões e esses países. Da mesma forma, em apoio à sua política externa, a decisão de realizar uma escala técnica em Abidjan, na Costa do Marfim, no âmbito da missão "*Sea Lions 2022*", foi uma oportunidade para Camarões estreite os seus laços de amizade com um povo fraterno e um país amigo.

De fato, desde o início dos anos 2000, Camarões demonstrou sua solidariedade com as marinhas parceiras no GoG por meio de sua participação nos exercícios *Grand African Nemo* e *Obangame Express*. Isso atesta a integração reforçada de sua Marinha na comunidade das Marinhas no GoG. Embora esta cooperação deva ser melhorada, a diplomacia de rotina das forças navais camaronesas, no entanto, tem um histórico satisfatório.

Diante do exposto, podemos afirmar que as ações simbólicas e rotineiras da diplomacia naval da Marinha de Camarões guardam semelhanças com aspectos da teoria Coutau-Bégarie. E agora do confronto das ações da Marinha de Camarões na diplomacia econômica e de defesa.

4.2 Confronto das ações na diplomacia econômica e de defesa

A diversificação da diplomacia naval é um fato consumado para Coutau-Bégarie. De fato, o autor considera que a diplomacia econômica, ou seja, a utilização do instrumento naval para efeitos de promoção comercial, constitui uma importante função das Marinhas que se querem contemporâneos. Assim, os desdobramentos realizados pelos navios da Marinha são uma oportunidade que pode ser aproveitada para divulgar equipamentos navais com vistas à obtenção de contratos de exportação e apoio à indústria de defesa.

Recorde-se à primeira vista que o capítulo anterior não faz alusão à diplomacia econômica no que diz respeito à Marinha de Camarões. Na verdade, os navios da Marinha

nunca serviram como *showroom* para fins de promoção econômica. Além disso, os destacamentos os cruzeiros realizados até agora tiveram um propósito essencialmente operacional. Isso pode ser explicado pelo fato de que a indústria naval militar em Camarões ainda está num nível embrionário.

A Marinha certamente tem um Estaleiro e uma doca flutuante⁴⁹. No entanto, estas estruturas dedicam-se essencialmente à reparação naval, ou seja, à manutenção dos navios da Marinha em condições operacionais. Num contexto marcado por uma concorrência cada vez mais acirrada à escala regional e internacional, a implementação da Doca Flutuante irá reduzir os custos de manutenção externa e sobretudo aumentar o prestígio da Marinha de Camarões. É provável que esta Doca Flutuante da Marinha seja objeto de vários pedidos das Marinhas parceiras no GoG nos próximos anos.

Por fim, no que diz respeito à diplomacia de defesa, Coutau-Bégarie considera que ela reúne uma infinidade de ações que podem contribuir para a estabilidade internacional e a influência do Estado por meio da participação no diálogo internacional, negociações internacionais, apoio a organizações internacionais e ações de cooperação em defesa. Ele menciona o papel da rede de adidos navais como espinha dorsal da diplomacia de defesa e cuja atuação contribui para o alcance dos objetivos do Estado no exterior.

A análise realizada no capítulo anterior revelou o dinamismo da diplomacia de defesa camaronesa através da participação regular da Marinha em vários simpósios ou fóruns internacionais, bem como em feiras de exposições navais. Como tal, a Marinha de Camarões é considerada como um ator da presença, influência e projeção internacional de Camarões com esses órgãos.

Outro ponto em linha com a teoria de Coutau-Bégarie, que deve ser indicado, é a existência de um sistema de Adidos de defesa camaroneses em alguns países estrangeiros nomeadamente no Egito, Brasil, Rússia, França, Nigéria, Chade e África do Sul e dois assessores militares destacados para CEEAC e a União Africana (UA). Estes últimos constituem verdadeiros relés diplomáticos no sentido de que o seu papel visa orientar determinadas negociações com as autoridades dos países de acolhimento com vista a garantir e preservar os interesses do Estado de Camarões.

⁴⁹ O Dock flutuante é uma estrutura metálica particular utilizada principalmente para a reparação de embarcações. Trata-se de uma superestrutura flutuante que é submersa quase completamente para trazer os edifícios para dentro e, em seguida, elevada acima da água para trazer o navio para terra.

Chegado assim ao termo do confronto da atuação da Marinha de Camarões no que diz respeito à diplomacia económica e de defesa, podemos dizer que além da diplomacia económica, da qual não se notou qualquer ponto de semelhança por se encontrar ainda numa fase embrionária, por outro lado, observamos uma concordância em relação à diplomacia de defesa com múltiplas ações no âmbito de sua participação nas negociações internacionais, no diálogo e na rede de aliados de defesa.

O que podemos dizer agora sobre as ações da Marinha de Camarões sob a ótica da estratégia integral de Poirier?

4.3 As ações da Marinha de Camarões do ponto de vista da estratégia integral

Recordemos que, segundo Poirier, a estratégia integral é o resultado da soma das estratégias diplomática, de defesa, marítima, económica e financeira, industrial e moral, ou seja, estratégias específicas que visam responder aos propósitos globais definidos pela política geral. Por outras palavras, deve assentar numa estrutura político-estratégica correspondente a uma visão global dos objetivos definidos pelo político. Falar, portanto, de uma estratégia integral em relação às ações da Marinha de Camarões equivale a identificar seu quadro geral de ação estratégica e as missões específicas que lhe são atribuídas.

Em termos de estratégia global, a Marinha de Camarões, como todos os outros componentes militares do país, deriva suas missões internacionais do Decreto de 25 de julho de 2001 sobre a organização do Ministério da Defesa. Este texto afirma, em linhas gerais, que a finalidade da defesa é assegurar em todo o tempo, em todas as circunstâncias e contra todas as formas de agressão, a segurança e a integridade do Estado, no âmbito da soberania nacional. Dispõe sobre o respeito a alianças, tratados e acordos internacionais. Estas orientações constituem, de facto, as principais orientações a partir das quais as forças navais camaronesas baseiam a sua atuação, no sentido da preservação dos interesses de Camarões.

Do ponto de vista das estratégias específicas, também observamos que a Marinha de Camarões propõe múltiplas ações que convergem para essas estratégias. Além da estratégia industrial, pudemos destacar o contributo da sua diplomacia naval no sentido de apoiar as demais estratégias, nomeadamente diplomática, defensiva, marítima, económica e moral. Assim, por exemplo, destacamos a contribuição da diplomacia naval camaronesa no estabelecimento de órgãos de coordenação e estruturas de comando adequadas, como o

CIC e o CMC da zona D. Sua diplomacia de defesa e seus adidos do sistema de defesa também representam exemplos de apoio à estratégia diplomática.

Além disso, graças à diplomacia ativa que lidera na luta contra o crime marítimo, demonstrámos como a ação da força naval de Camarões contribui para a preservação das muitas riquezas do GoG através de ações dissuasivas destinadas a prevenir a sua ilegalidade exploração. Por último, refira-se que do ponto de vista da estratégia moral, a missão “*Sea Lions 2022*” tem contribuído eficazmente para a conscientização de Camarões para o potencial do seu poder naval na implementação de uma parte importante da sua política externa.

No final, a partir desses elementos, podemos dizer que Camarões tem uma estratégia integral, ainda que não siga todos os contornos definidos por Poirier.

4.4 Considerações parciais

Após o confronto entre as ações da Marinha de Camarões e os conceitos teóricos, identificamos importantes semelhanças com a concepção de Coutau-Bégarie sobre diplomacia simbólica, rotineira e de defesa. No entanto, nenhuma aproximação pôde ser observada no que diz respeito à diplomacia econômica. Por fim, concluímos por uma adesão parcial à estratégia integral de Poirier.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegada ao fim desta reflexão, importa agora fazer o seu balanço. O problema desta reflexão científica consistiu principalmente, recorde-se, no confronto da diplomacia naval camaronesa com as características de uma diplomacia naval pós-moderna que integra os conceitos de diplomacia naval permanente segundo Coutau-Bégarie e estratégia integral de Poirier.

Inicialmente, a análise teórica possibilitou destacar as subdivisões da diplomacia naval permanente e os componentes da estratégia integral. Em segundo lugar, o estudo examinou a diplomacia naval camaronesa através das ações de suas forças navais nas categorias de diplomacia simbólica, rotina, defesa, humanitária e combate ao crime marítimo. Em terceiro lugar, o confronto entre a diplomacia naval camaronesa e os conceitos teóricos estudados permitiu evidenciar os elementos de concordância e disparidades. No final deste processo, aprendemos uma série de lições.

Primeiro, o crescente interesse pelo litoral e as questões marítimas e de segurança que ele gera aumentaram a utilidade das Marinhas de guerra em tempos de paz. Com base na teoria de Coutau-Bégarie, a dimensão permanente da diplomacia naval se manifesta por ações da Marinha voltadas para a hasteamento da bandeira e que podem assumir a forma suave de visitas de cortesia (presença), demonstração ou ameaça de emprego de força limitada por via marítima (dissuasão), por meio de outras formas de diplomacia naval, como a diplomacia de defesa e a diplomacia econômica. Seja como for, a variedade de possibilidades dessa diplomacia naval é muito amplo. Portanto, confirmamos com Geoffrey Till (2004) que as situações de tempo de paz em que os navios não têm nada para contribuir politicamente parecem acabadas.

Em segundo lugar, de acordo com a estrutura político-estratégica definida por Poirier, o sucesso de um projeto político em que o mar assume uma importância primordial carece de uma estratégia integral, ou seja, de um conjunto de estratégias particulares que correspondam a uma visão global dos objetivos definidos pela política geral. Assim, a estratégia marítima nacional necessita de uma estratégia naval para a defesa dos interesses no mar, uma estratégia diplomática para promover acordos de cooperação, uma estratégia industrial para criar, desenvolver e construir os meios necessários para a exploração do meio marinho, uma estratégia econômica para a exploração dos recursos oferecidos pelo mar e

uma estratégia moral que sabe federar a nação em torno de tal projeto.

Além dos conceitos teóricos, este estudo revela que a Marinha de Camarões é um vetor chave da política de poder e influência de Camarões no GoG. A sua diplomacia naval coloca-se ao serviço da segurança e estabilidade regional e visa estreitar laços que fomentem uma cooperação dinâmica e benéfica com outras Marinhas da sub-região. Além disso, o dinamismo de sua diplomacia de defesa, a Marinha de Camarões, por meio da missão "*Sea Lions 2022*", demonstrou a diplomacia naval como uma ferramenta de *soft power* para o Estado. Suas forças navais têm demonstrado, para usar a famosa fórmula de Cromwell, que um navio de guerra é o melhor dos embaixadores, capaz de contribuir efetivamente para a execução de parte da política externa de um país⁵⁰.

Por fim, o resultado do confronto das ações da Marinha de Camarões com os conceitos teóricos estudados conduziu à validação da hipótese que estruturou esta reflexão, nomeadamente que a diplomacia naval camaronesa adere parcialmente aos conceitos teóricos da diplomacia naval permanente de Coutau-Bégarie e estratégia integral de Poirier. Isso significa que a diplomacia naval camaronesa desde 2011 ainda não possui todas as características da diplomacia naval pós-moderna. Exige, pois, consideráveis esforços em termos de meios de atuação, para que a diplomacia naval camaronesa se enquadre nas atuais exigências de uma diplomacia naval renovada, assente na presença, na projeção de forças e numa verdadeira estratégia global defesa dos interesses nacionais no mar.

Assim, ao embarcar nesta aventura intelectual, esperamos ter alcançado o nobre objetivo a que nos propusemos no âmbito deste estudo: contribuir para o reforço da ação da Marinha de Camarões na política de poder e influência de Camarões no GoG e internacionalmente. A diplomacia naval como objeto de estudo é uma área ainda pouco explorada no meio político camaronês em geral e na Marinha em particular que beneficiaria de ser aprofundada. Esperamos, portanto, ter impulsionado a reflexão sobre esta questão e, em particular, sobre as várias possibilidades de articulação do exercício desta função, de modo a que ela responda efetivamente ao desafio de uma diplomacia naval forte que permita fazer avançar o desenvolvimento nacional de interesses e objetivos.

⁵⁰ Os americanos, falando de seus porta-aviões, costumam chamá-los de "90.000 toneladas de diplomacia" Fonte: GUILLEMIN, Dominique. *Hervé Coutau-Bégarie, O melhor dos embaixadores. Revista histórica das Armadas*. Postado em 10 jun. 2013. Disponível em: <<http://journals.opendition.org/rha/7663>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

REFERÊNCIAS

- ATONFACK, Serge Cyrille. O Centro de Coordenação Inter-regional, entendendo sua ascensão ao poder. *Pompons Rouges*, [Revista de Informação e Ligação da Marinha Camaronesa], n. 009, p. 12, 2018.
- CASTEX, Raoul. *Teorias estratégicas*. Paris: Ed. Econômica, 1976. 251 p.
- CORBETT, Julian Stafford. *Clássicos do poder do mar*. Imprensa do Instituto Naval, 1988. 15 p.
- COUTAU-BEGARIE, Hervé. *O melhor dos embaixadores: teoria e prática da diplomacia naval*. Paris: Ed. Econômica, 2010.
- FONKOUA, Sylvestre. O Centro de Coordenação Multinacional: uma resposta adequada à questão da segurança no espaço marítimo comum aos países da zona D. *Pompons Rouges*, [Revista de Informação e Ligação da Marinha Camaronesa], n. 011, p. 28, 2018.
- GUILLEMIN, Dominique. Hervé Coutau-Bégarie, O melhor dos embaixadores. Revista histórica das Armadas. Postado em 10 jun. 2013. Disponível em: <<http://journals.opendition.org/rha/7663>>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- HENROTIN, Joseph. *As fundações da estratégia naval do século XXI*. Paris: Ed. Econômica, 2011.
- ITONDO, Yves Christian. Segurança Marítima no GoG como prioridade. *Pompons Rouges*, [Revista de Informação e Ligação da Marinha Camaronesa], n. 13, p. 50, 2023.
- KENNEDY, Paul. *Estratégia e diplomacia*. London: Ed. Fontana, 1984.
- LABAYLE-COUHAT, Jean. *Frotas de batalha*. [S.l.]: Ed Marítimo e Ultramarino, 1980. 597 p .
- LACKMATA, Jean. *Descriptografia da missão "Sea Lions 2022"*. Pompons Rouges: revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, n. 13, p. 44, 2023.
- LOZIER, Jean-Louis. *Submarinos e diplomacia naval*. [S.l.]: Ed. Instituto de Estratégia Comparada, 2007, 177 p.
- MENDOUA, Jean. *Editorial*. Pompons Rouges: revista de informação e ligação da Marinha camaronesa, n. 001, p. 6, 2013.
- MAHAN, Alfred Thayer. *A influência do poder marítimo sobre a revolução francesa e o império: 1793-1812*. Boston: Ed Little Brown, 1899. 443 p.
- MVOMO ELA, Wullson; UKEJE, Charles. *Abordagem africana à segurança Marítimo: caso do golfo da guiné*. Nigeria: Ed. Friedrich-Ebert-Stiftung, 2013, p.9 Disponível em <https://www.cetri.be/IMG/pdf/artogo-as-recussos-naturais-no-golfo-da-guiné>. Acesso em: 23 jun. 2023.

NDUTUMU, Samuel Sylvin. *A geopolítica marítima do GoG no século XXI*. Paris: Ed. Harmattan, 2012. 27 p.

NGANWA, Francis Aimé. Cruzeiro de soberania para barcos-patrolha da Marinha camaronesa na sub-região. *Pompons Rouges*, [Revista de Informação e Ligação da Marinha Camaronesa], n. 009, p. 10, 2016.

NKOUONCHOU, Théophile. Participação no Bicentenário da Independência do Brasil e no exercício multinacional UNITAS LXIII. *Pompons Rouges*, [Revista de Informação e Ligação da Marinha Camaronesa], n. 13, p. 39, 2023.

NYE JUNIOR, Joseph S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. [S.l.]: Public Affairs, 2004. 112 p.

PARMENTIER, Florent. *A invenção da diplomacia naval*, [Revista *Eurasia prospective*], 2020. Disponível em: <<https://eurasiapropective.net/2020/07/23/invencao-da-diplomacia-naval-millet-eurasia-prospectivo-1-3/>>. Acesso em: 03 maio 2023.

PLANO DE DIPLOMACIA DE DEFESA DO MINISTÉRIO DA DEFESA DO REINO DA ESPANHA. 2012. Disponível em: <<https://www.defesa.gob.es/Galerias/defensadocs/plano-diplomacia-defesa.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2023.

POIRIER, Lucien. *Ensaio teórico de estratégia*. Paris: Ed. As sete Espadas, 1982.

REPÚBLICA DE CAMARÕES. *Decreto nº 2001/177 de 25 de julho de 2001*. Sobre a organização do Ministério da Defesa. Artigo 17, título V, p. 33.

REPÚBLICA DE CAMARÕES. *Decreto nº 2012/149 de 21 de março de 2012*. Sobre a criação e organização de Missões militares e Escritórios militares nos postos diplomáticos da República dos Camarões no exterior.

SOLLER, Marion. *Géopolítica dos mares e oceanos*. [Revista Principais das questões diplomáticas], n. 55, 2020. Disponível em <<https://www.arenion24.news/2020/06/25/A-diplomacia-naval-uma-ferramenta-de-soft-power>>. Acesso em: 2 maio 2023.

SUGEWE, Etienne Fils. Pegada de Camarões através da Marinha. *Pompons Rouges*, [Revista de Informação e Ligação da Marinha Camaronesa], n. 012, p. 7, 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cameroonnavy>>. Acesso em: 16 maio 2023.

TILL, Geoffrey. *Sea Power: A guide for the Twenty-First Century*. London, Portland: Ed. Frank Cass, 2004, p. 273-297.

WEDIN, Lars. *Estratégias marítimas no século XXI: a contribuição do almirante Castex*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015.

WIDDEN, Jerker J. Diplomacia naval: uma abordagem teórica. *Diplomacy & Statecraft*, n. 22, p. 715-733. New York: Routledge, 2011.

ANEXOS

ANEXO A

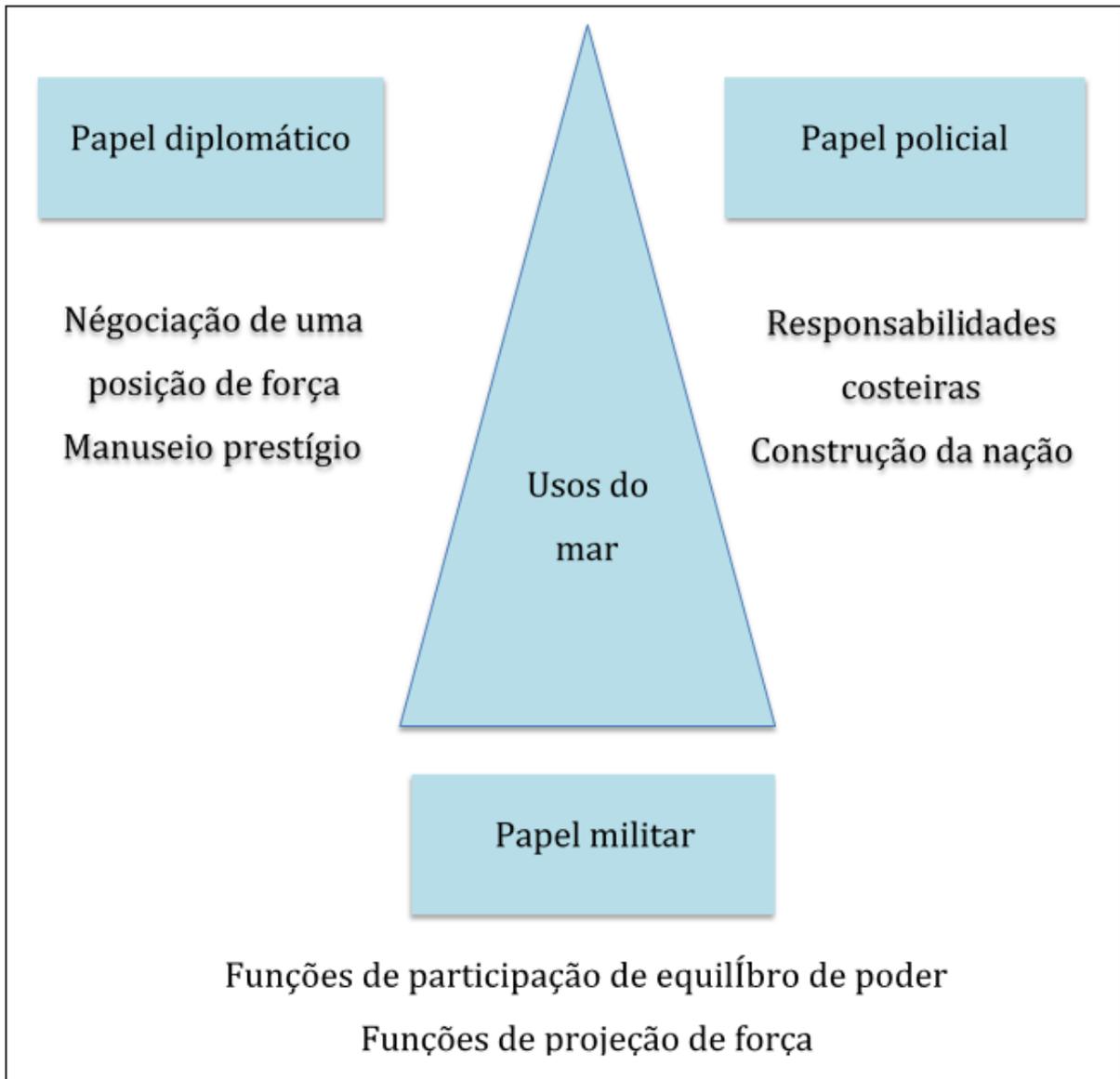


FIGURA 1 – Os usos do mar segundo Ken Booth

Fonte : HENROTIN, 2011, p. 399.

ANEXO B

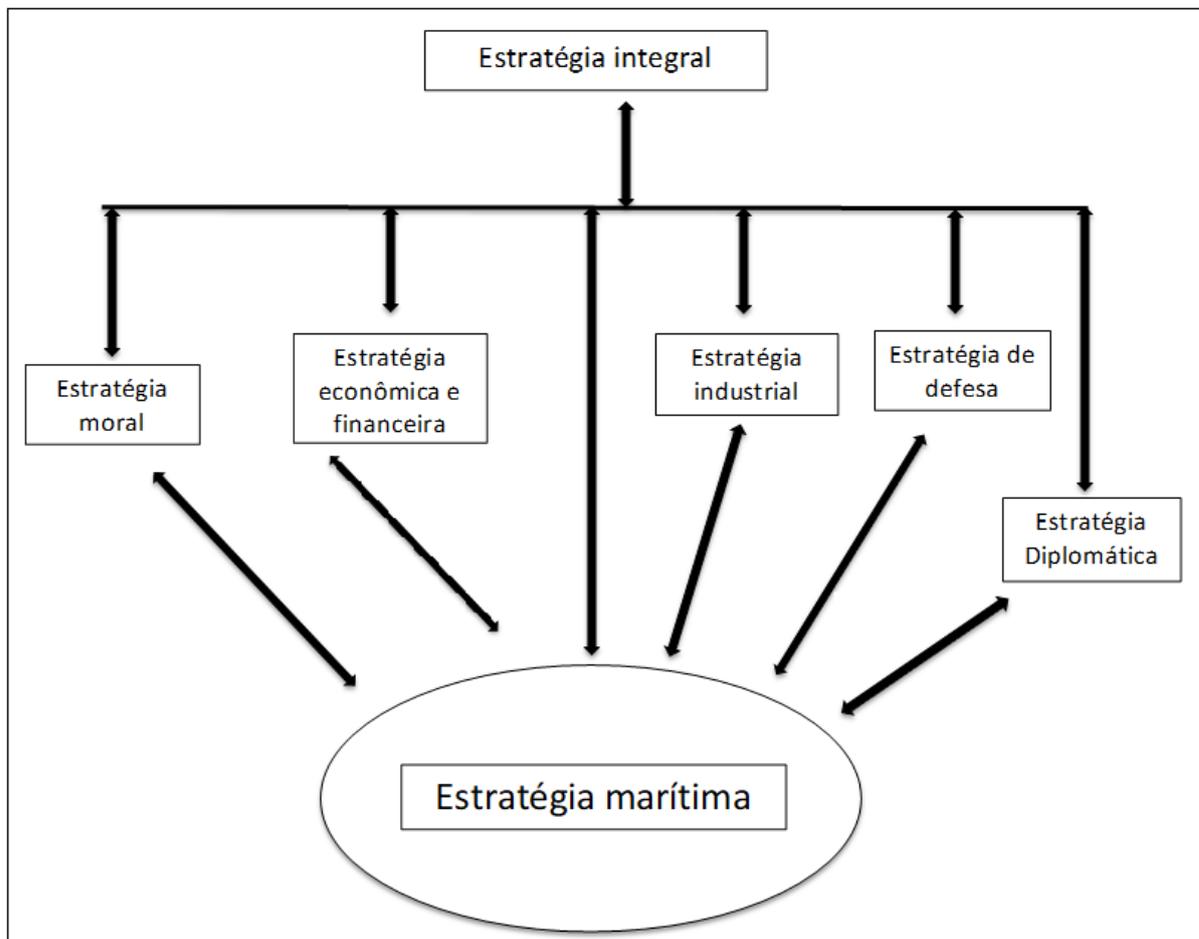


FIGURA 2 – Os componentes da estratégia integral de Poirier
Fonte: WEDIN, 2015, p. 121.

ANEXO C

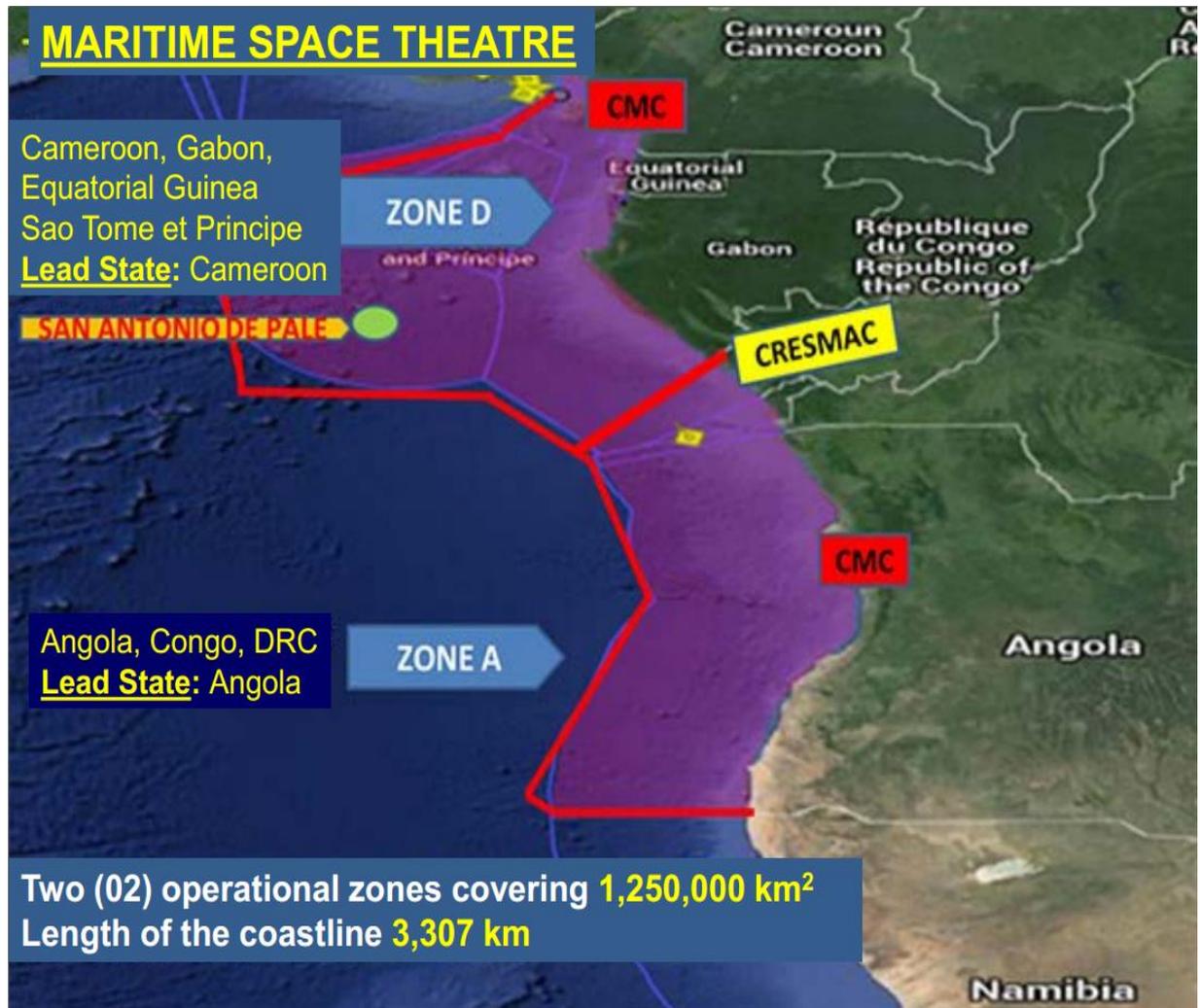


FIGURA 3 – Delimitação do Espaço Marítimo CEEAC do Golfo da Guiné incluindo zona D (em inglês)

Fonte: Disponível em: <<http://africacenter.org>>. Acesso em: 22 maio 2023.